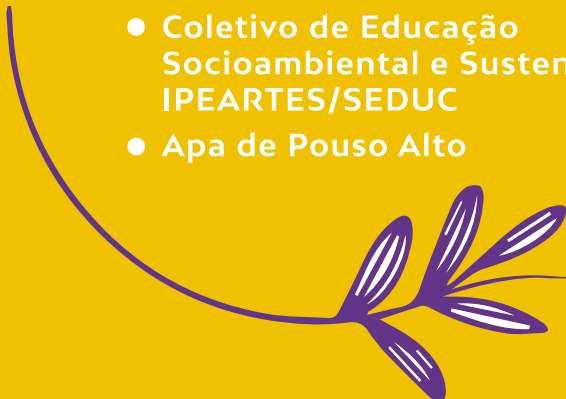


Cardápio de atividades de
**Educação
Socioambiental**

- 
- Coletivo de Educação Socioambiental e Sustentabilidade IPEARTES/SEDUC
 - Apa de Pouso Alto



1ª edição 2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pires, Laryssa Fanny Galantini

Cardápio de atividades de educação socioambiental
[livro eletrônico] / Laryssa Fanny Galantini Pires,
Wellington Martins. -- 1. ed. -- Goiânia, GO : Ed. dos
Autores, 2022.

PDF

ISBN 978-65-00-55822-7

1. Atividades e exercícios 2. Educação ambiental
3. Educação - Aspectos sociais 4. Prática de ensino
5. Prática pedagógica 6. Professores - Formação
7. Sustentabilidade I. Martins, Wellington.
II. Título.

22-134316


CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:


1. Educação socioambiental 304.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380





Cardápio de atividades de
**Educação
Socioambiental**

- Coletivo de Educação Socioambiental e Sustentabilidade IPEARTES/SEDUC ● Apa de Pouso Alto
- 

Governo do Estado de Goiás

Ronaldo Caiado

Vice-Governadoria do Estado de Goiás

Lincoln Graziani Pereira da Rocha

Secretaria de Estado da Educação

Aparecida de Fátima Gavioli Soares Pereira

Subsecretaria de Execução da Política Educacional

Helena da Costa Bezerra

Superintendência de Desporto Educacional, Arte e Educação

Marco Antônio Santos Maia

Gerência de Arte e Educação

Luz Marina de Alcantara

Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte

Eliza Rebeca Simões Neto Vazquez

IPEARTE

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Luana Villas Boas Fernandes

REPRESENTANTES LOCAIS

Rejane Kelly de Lacerda (2021 a 2022)

André Aimura (2022)

Autores

Laryssa Fanny Galantini Pires

Wellington Martins

Coautores

Christiane Ayumi Kuwae

Luana Villas Boas Fernandes

Leticia Vimeneay

Colaboradores

Felipe de Sá Pereira

Virgínia Pereira da Silva

Kayalu Mendonça

Miag Eric Makibara

Ralyanara Freire

Projeto Gráfico e Diagramação

José Francisco Machado Alecrim

Revisão Ortográfica

Gismair Martins Teixeira



Elaboração das atividades, edição do livro

Laryssa Fanny Galantini Pires

Welington Martins

Apoio Pedagógico, colaborações nos textos e revisões

Christiane Ayumi Kuwae

Luana Villas Boas Fernandes

1º REVISÃO

Felipe de Sá Pereira

Virgínia Pereira da Silva

Kayalu Mendonça



Sumário



01

APRESENTAÇÃO.....014

02

CERRADO: NOSSO TESOIRO.....020

Educação Socioambiental e a APA de Pouso Alto	023
Conhecendo o IPEARTES e o Coletivo de Educação Socioambiental e Sustentabilidade.....	027

03

EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E PRÁXIS: PLANEJANDO SUAS ATIVIDADES.....032

Como sensibilizamos os nossos estudantes	040
A vida não é útil.....	045
Cerradania	047
Matriz Curricular e a Educação Socioambiental	051

04

DOCUMENTOS NORTEADORES PARA AS AÇÕES.....058

05

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....061

Atividade 01:

Linha do tempo da gestão socioambiental.....062

Atividade 02:

Mapa socioambiental da APA de Pouso Alto.....072

Atividade 03:

Trilha científica no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.....091

Atividade 04: Teatro do improviso.....099

Atividade 05: Conheça seu resíduo.....111

Atividade 06: Visita ao lixão.....119

Atividade 07: Árvore dos sonhos socioambiental.....122

Atividade 08: Playlist interativa sobre Cerrado.....126

Atividade 09: Sons e vozes do Cerrado.....129

06

**NOSSA PROSA NÃO SE
ENCERRA AQUI, VAMOS SEMEAR.....132**

07

**AGRADECIMENTOS.....134
COLABORADORES.....136**

08

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS.....138**



Apresentação



Sejam bem-vindos

É uma grande conquista para o **IPEARTES/SEDUC** apresentar este material para a comunidade escolar. Este cardápio de atividades é fruto de experiências práticas e reflexões conceituais sobre a Educação Socioambiental (ESA) vivenciadas pelo seu coletivo educador, entre os anos de 2018 e 2021, em suas frentes, e principalmente na atuação no contexto de formação de professoras(es).

A Educação Socioambiental tem um papel importante na quebra de paradigmas que dão novos sentidos a relação entre o Ser Humano, nosso sistema econômico e meio ambiente. Um destes paradigmas envolve a pró forma que a Educação Ambiental/Socioambiental tem sido implementada nas escolas, que de forma equivocada colocam o Ser Humano como agente passivo de suas ações, esquecendo que o Ser Humano é parte integral do Meio Ambiente, e portanto, não deve ser colocado a parte do Meio Ambiente. Neste contexto, entendemos que a ESA se alinha ao sistema de ensino formal e não formal proporcionando reflexões críticas e profundas que tem o potencial de promover mudanças em nosso modo de interpretar, agir, pensar e atuar no mundo.

O Plano Nacional de Educação Ambiental



(PNEA) orienta que a EA deva acontecer a partir de uma perspectiva interdisciplinar e/ou transdisciplinar. Ainda que a Base Comum Curricular (BNCC) tenha se adequado recentemente a transdisciplinaridade, a comunidade escolar ainda pensa e age de forma disciplinar. No geral, a maior parte dos educadores tem extrema dificuldade em compartilhar áreas de conhecimento que fogem da perspectiva do conteúdo específico relacionado a sua área de conhecimento. Portanto, realizar a EA na perspectiva proposta pelo PNEA se torna extremamente desafiador a comunidade escolar.

A partir do que foi exposto, este cardápio tem por objetivo apontar reflexões, caminhos e métodos para chegar o mais próximo de uma transversalidade na atuação da ESA, tendo como referência o trabalho do **Coletivo de Educação Socioambiental e Sustentabilidade do IPEARTES/SEDUC nos municípios da Área de Proteção Ambiental - APA de Pouso Alto.**

Para nós é motivo de alegria partilhar de nossas vivências e conhecimentos e contribuir para que você, educador(a) possa reelaborar formas de entender a Educação Socioambiental em suas práticas. Parafraseando Paulo Freire, sigamos semeando e cultivando o esperançar nos territórios cerradeiros.

Coletivo de Educação Socioambiental / IPEARTES/SEDUC



Notas sobre esta edição

Sobre a escolha da grafia **Cerrado** em maiúsculo, nos orientamos em consonância com a seguinte classificação:

O emprego do termo cerrado evoluiu, de modo que atualmente existem três acepções gerais de uso corrente, e que devem ser diferenciadas. A primeira e mais abrangente, refere-se ao bioma predominante no Brasil Central, que deve ser escrita com a inicial maiúscula (Cerrado). Quando se fala em Região do Cerrado ou Região dos Cerrados, normalmente a referência é feita ao bioma, ou à área geográfica coincidente com o bioma. O termo Cerrado não deve ser usado no plural para indicar o bioma, pois existe apenas um bioma Cerrado – seria algo como designar “as Amazôniaas”. A segunda acepção, “Cerrado sentido amplo” (lato sensu), reúne diferentes formações e tipos de vegetação do bioma, incluindo, segundo Eiten (1963, 1972, 1994) e Coutinho (1978), desde o Cerradão até o Campo Limpo. Para Goodland (1971) e Ferri (1975) o “Campo Limpo” exclui-se desse conceito, pois florística e fisionomicamente não é diretamente relacionado aos demais componentes – uma interpretação que julgamos mais adequada. Sob esse conceito há uma única formação florestal incluída, o Cerradão, e uma única formação campestre, o “campo sujo”. Portanto, o Cerrado sentido amplo é um “tipo de vegetação” definido pela composição florística e pela fisionomia (usando as formas de crescimento como critério), sem que o critério estrutura seja considerado. Alguns autores falam em região dos Cerrados, ou cerrados, fazendo referência apenas ao cerrado sentido amplo e não ao bioma (como aqui



interpretado). A terceira acepção do termo, “Cerrado sentido restrito” (stricto sensu), designa um dos tipos fitofisionômicos que ocorrem na formação savânica, definido pela composição florística e pela fisionomia, considerando tanto a estrutura quanto as formas de crescimento dominantes. Por ser originalmente a principal fitofisionomia do bioma em área ocupada, o Cerrado sentido restrito caracteriza bem o bioma Cerrado (RIBEIRO e WALTER, 2010).

Em acordo com esta classificação, optamos pela primeira acepção de **Cerrado**. Entendemos que o **Cerrado** possui uma multiplicidade de **fitofisionomias** e formas de expressão. Ainda em acordo com Ribeiro e Walter (2010), não há um consenso sobre a definição de **bioma**, sendo que, neste trabalho, também é concebido de forma ampla, sem considerar toda a discussão e suas questões conceituais e semânticas.



Capítulo 02



Cerrado: Nosso tesouro

O Cerrado é considerado a maior savana tropical do mundo, além de ser o segundo maior bioma do Brasil, cobrindo uma área de 2 milhões de km². Além da fauna e flora diversa, habitam nele variados povos tradicionais há mais de 11 mil anos. São aproximadamente 44 territórios quilombolas e 95 etnias indígenas (EMBRAPA, 2019).

Neste lugar, que um dia já foi mar, são encontrados formações rochosas com diversas evidências das transformações que aqui ocorreram até o surgimento do Cerrado. A conservação de suas paisagens naturais, repleta de cachoeiras, diferentes fitofisionomias e espécies endêmicas são muito valorizadas pelo ecoturismo. Além disso, destacamos o importante papel da socio-biodiversidade para a soberania alimentar das comunidades Cerradeiras e incremento do turismo, que gera renda a partir das plantas e frutos do Cerrado saborosos, nutritivos e medicinais.

Nesse mosaico encantador, a água é um elemento natural muito importante. As raízes profundas das plantas do Cerrado conduzem as águas para o lençol freático que nutre as bacias

hidrográficas. Por isso, a Chapada dos Veadeiros é conhecida popularmente como a “caixa d’água do Brasil”.

Nos últimos anos, a intensificação de atividades econômicas, como a monocultura extensiva, a mineração, hidrelétrica e indústria vem gerando diversos tipos de impactos ambientais. A coexistência dessas atividades humanas com a preservação do Cerrado é um grande desafio, pois as suas dinâmicas de produção convencionais exercem impactos negativos permanentes ao ambiente.

A fim de conservar a maior área de proteção integral do Cerrado no nordeste goiano, foi criada a **Área de Proteção Ambiental (APA) de Pouso Alto** ao redor do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Essa área tem sido nosso local de atuação e foco deste material.



APA DE POUSO ALTO

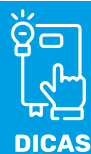
Área de Proteção Ambiental (APA): é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. É um dos tipos de unidades de conservação existentes no Brasil. Os principais objetivos de uma APA são: preservar áreas providas de grande beleza cênica, proteção dos recursos hídricos, proteger riquezas da flora e da fauna e, também, estabelecer normas e diretrizes para o desenvolvimento sustentável (OECD, 2015b).

Conforme o Decreto Estadual Nº 5.419, de 07 de maio de 2001, a Área de Proteção Ambiental (APA) de Pouso Alto possui uma extensão de 872 mil hectares no entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV). Engloba os municípios de:

- Alto Paraíso de Goiás;
- Cavalcante;
- Colinas do Sul;
- Nova Roma;
- São João D'Aliança;
- Teresina de Goiás.



Mapa da APA de Pouso Alto montado pelos educadores do IPEARTES/SEDUC



DICAS

No padlet você encontrará um resumo sistematizado do Plano de Manejo da APA de Pouso Alto para seus alunos. **Clique para acessar:**

<https://padlet.com/laryssapires1/3pagtonforld4jdj>

Educação Socioambiental e a APA de Pouso Alto

A APA de Pouso Alto circunda o Parque Nacional Chapada dos Veadeiros (PNCV), sendo a APA uma unidade de conservação de uso sustentável e o Parque Nacional Chapada dos Veadeiros uma UC de proteção integral. De acordo com a SEMAD Goiás, As Unidades de Proteção Integral tem como objetivo básico a preservação da natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais. Já as Unidades de Uso Sustentável tem como objetivo básico compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais.



Formação para professores: conhecendo o território da APA de Pouso Alto

FITOFISIONOMIAS

É uma forma de classificar os tipos de vegetação com base em critérios fisionômicos, substrato de crescimento e composição da flora. Vegetação característica de determinado lugar

(COUTINHO, 2006).

Como fitofisionomias, encontram-se nessa área a presença dos cerrados rupestres e campos rupestres, com espécies igualmente únicas e adaptadas às condições climáticas específicas dessa região (CORREIA, et.al., 2001).

ENDEMISMO

Fenômeno no qual uma espécie ocorre exclusivamente em determinada região geográfica. Devido às adaptações daquela espécie a esse local, ela ganha características que a diferencia de outros membros de mesma espécie que habitam outros territórios (OEKO, 2015b).

As populações tradicionais presentes nesse território construíram relações socioambientais e culturais com a biodiversidade local. Desta maneira, elas extrapolaram a ideia de que a natureza é, meramente, um lugar de recursos.

Um exemplo de tais relações são as/os benzeiras/os, raizeiras/os e parteiras. Elas identificaram e desenvolveram usos medicinais das plantas do Cerrado, especificamente as da Chapada dos Veadeiros. Os usos das plantas vêm, também, com a proteção, conservação e sustentabilidade do bioma. Essa sabedoria da relação harmônica que os povos tradicionais têm a nos oferecer é um pilar importante desta perspectiva de educação socioambiental.



Olimpíada de Humanidades; que trabalha de forma intertransdisciplinar as competências das Ciências Humanas, Arte Educação e Educação Socioambiental.



Conheça este projeto procurando pelo vídeo “Olimpíada de Humanidades 2018”, disponível no canal TV IPEARTES no Youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=UOIYJSX_8gY&ab_channel=TVIPEARTES

Com a Educação Socioambiental podemos reconhecer a integralidade do sujeito, valorizando as múltiplas formas de aprendizagem e de saberes, assim como de agentes e espaços de aprendizagem. Estes são os pilares do IPEARTES/SEDUC na APA de Pouso Alto, lugar onde buscamos promover e incentivar ações e espaços para a construção de múltiplos saberes, dentre eles, a educação socioambiental.



Foto da atividade “Linha do Tempo – Retrospectiva da Gestão Socioambiental de Alto Paraíso”, facilitada por Mauro Soares, do Projeto Pato Mergulhão e da Câmara Temática de Gestão Sócio Ambiental (CT/GSA) e a Roda de Conversa sobre o “Fortalecimento dos projetos de Arte Educação e Educação Ambiental na Chapada dos Veadeiros”, realizada pelo IPEARTES/SEDUC e pela CT/GSA na Semana do Cerrado 2019.



“IPEARTES e Educação socioambiental: aprendizados e perspectivas”, disponível no canal TV IPEARTES no Youtube.

https://www.youtube.com/watch?v=ojahNOY-7E0&ab_channel=TVIPEARTES

Conhecendo o IPEARTES e o Coletivo de Educação Socioambiental e Sustentabilidade

“Ao definir a ideia de coletivo educador, é importante reforçar as duas dimensões, subjetiva e objetiva, que fazem do coletivo educador um espaço tão útil quanto belo.” LUIZ ANTÔNIO FERRARO JÚNIOR & MARCOS SORRENTINO (2005)



Atividade Árvore dos Sonhos realizada com a participação dos educadores do IPEARTES/SEDUC.

Desde o seu surgimento, através do Decreto 8.864/2016, o Projeto IPEARTES/SEDUC teve como objetivo atender as reivindicações locais por uma educação de qualidade, pautada nos princípios da Educação Integral, Arte-Educação, Intertransdisciplinaridade, Bem Viver e Tecnologias Sustentáveis.

No nosso local de atuação, que corresponde aos municípios presentes na APA de Pouso Alto, está a maior área de Cerrado preservado do Estado de Goiás, sendo ela de riquíssima biodiversidade. Para tanto, trazemos em nossas atividades diversos temas e inspirações, tais como a Sustentabilidade, Agroecologia, Sociobiodiversidade, Biorregionalismo, Coletivos Educadores, Justiça Socioambiental e Pertencimento.

Durante o período de 2017 a 2021, oferecemos atividades educativas para escolas municipais e estaduais, incluindo formação de professores em Educação Ambiental. Realizamos, em colaboração com parceiros, eventos como Semana do Meio Ambiente, Semana do Cerrado, saídas de campo e trilhas científicas para o ensino médio, cursos, mostras artísticas e oficinas. **Somente no 2º semestre de 2019 foram aproximadamente 60 horas de atividades e mais de 700 pessoas diretamente impactadas.**

Nossas práticas pedagógicas são **suleadas**

pela Arte Educação, Ecopedagogia, Pesquisa-Ação, Pedagogia de Projetos, Pedagogia da Práxis, Paulo Freire, Pedagogia da Terra e Pedagogia Waldorf. Neste mix de referências educativas tem sido possível promover atividades que atendam as competências da Política Nacional de Educação Ambiental, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Currículo do Estado de Goiás e o Plano de Manejo da APA de Pouso Alto.

Sulear as nossas referências é uma outra forma de dizer que o sujeito deve estar no centro das atividades educativas, como propõe a Matriz de Arte/Educação do Estado de Goiás.



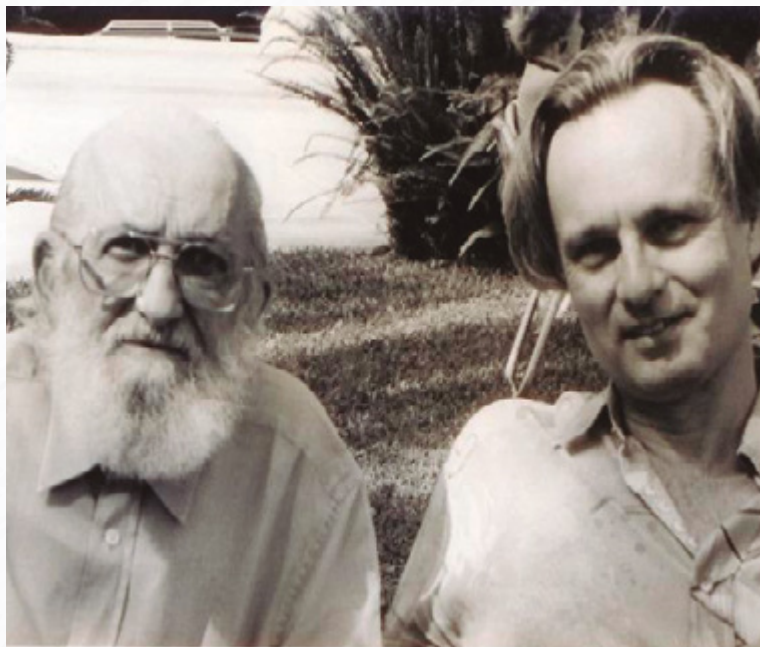
Mapa Invertido da América do Sul de Joaquim Torres Garcia (1943) / Reprodução



Foto de objetos da cultura popular em atividade da Olimpíada de Humanidades

SULEAR

Verbo criado pelo físico brasileiro Marcio D’Oliveira Campos em 1991, em seu texto “A Arte de sular-se” e utilizado e discutido por Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da Esperança” em 1992. Tem por objetivo questionar a demarcação político-ideológica e colonizadora de espaço e tempo tendo por base referências dos países do hemisfério norte. Sular significa orientar-se com a referência de tempo e espaço de um país do hemisfério sul (por exemplo, o Brasil), contextualizando as ações realizadas com base em nossa realidade socioambiental (TAVARES, 2019).



Paulo Freire juntamente com Marcio D´Oliveira Campos
disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/origem-do-sular>

Capítulo 03



Educação Socioambiental e Práxis: Planejando suas atividades

“A Educação Ambiental é uma educação amorosa, educação do cuidado para com a terra e para com a humanidade; educação para a paz, pois a guerra aniquila a vida, e a violência ofende a dignidade da humanidade” JEAN PIERRE LEROY & TANIA PACHECO apud FERRARO JÚNIOR & SORRENTINO (2005).

Sabemos que a educação e os processos educativos foram e são pensados por diferentes intelectuais. Também entendemos que existem diferentes pedagogias pelo mundo. Todavia, no Brasil, a prática educativa hegemônica passou por poucas alterações nas últimas centenas de anos. Um aspecto conservador que segue existindo é a segmentação do conhecimento em disciplinas, dividindo o saber em “caixinhas”. Por um lado, essa organização do conhecimento nos ajuda a aprofundar em determinado aspecto, por outro lado, não somos estimulados/as a olhar para um assunto percebendo que ele pode ser

estudado por inúmeros aspectos, e que eles são complementares.

Esse modelo de educação não é adequado para a Educação Socioambiental, justamente porque ela é transdisciplinar e crítica. Mas, afinal de contas, por que quando falamos sobre o meio ambiente, está incluso somente nos conteúdos de disciplinas como a geografia, ciências e biologia? Na verdade, a ESA também está na história de como a humanidade ocupou este espaço geográfico ou, na matemática; na reposição de nutrientes do solo; na língua portuguesa que versa sobre palmeiras e sabiás, entre outros.

A prática educativa pode ser mais significativa quando compreendemos que é possível relacionar os conteúdos e construir um conhecimento mais complexo, sejam os conteúdos programáticos ou metodologias de ensino. Na Educação Socioambiental podemos conceber uma ação transformadora ao proporcionar experiências que combinam os aspectos cognitivos (pensar), atitudinais (sentir) e procedimentais (querer ou agir) num equilíbrio em que se aplicam os conhecimentos adquiridos e construídos em interação com o ambiente/mundo - trazendo a consciência e o aprendizado em suas múltiplas facetas.

Diante do que foi exposto é comum ao educador e à educadora surgir a seguinte dúvida:

como vou fazer uma atividade transdisciplinar se o currículo está dividido em disciplinas? Como vou aplicar ao pé da letra a Política de Educação Ambiental se a equipe de professores da minha comunidade escolar não valoriza e/ou não conhece os dispositivos legais sobre essa questão?

Primeiramente precisamos conhecer a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Veja a seguir as principais partes desta lei.

Art. 2º. *A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.*

Art. 10º. *A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.*

§ 1º *A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.*

Art. 11º. *A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.*

Parágrafo único. *Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental.*

Ou seja, a EA no âmbito escolar deve ser transversal e os educadores devem receber formação específica para isso. É o que buscamos oferecer com este material! Dar suporte para os/as educadores(as) sobre a Educação Socioambiental. Vamos conhecer mais sobre os princípios da EA e o porquê de gostarmos de chamá-la de socioambiental?

Princípios básicos da Educação Ambiental de acordo com a PNEA (Lei 9.795/99).

- I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;

V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

VI – a avaliação crítica e permanente do processo educativo;

VII – a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;



Atividade realizada no âmbito da Olimpíada de Humanidades em escola da APA de Pouso Alto.

VIII – o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Os objetivos fundamentais da Educação Ambiental, de acordo com a lei nº 9.795/99, são:

I – o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II – a garantia de democratização das informações ambientais;

III – o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV – o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V – o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI – o fortalecimento da cidadania, autodeterminação da integração com a ciência e a tecnologia;

VII – o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.



Alimentos típicos na Chapada expostos na Olimpíada de Humanidades 2018

Após a leitura desses princípios e objetivos, concluímos que a educação ambiental é uma construção coletiva e que, nesta concepção, o ser humano é integrado à natureza, ou seja, faz parte dela, não como um ser 'superior', mas coexistindo em harmonia. Por isso nós nos referimos à Educação Socioambiental e não somente ambiental.

A Educação Socioambiental nos propõe uma outra perspectiva sobre a relação do ser humano e ambiente, bem diferente do que temos no senso comum. Os povos originários nos ensinam, por meio de sua cosmovisão e práticas, que nós somos parte da natureza. A partir da cultural ocidental, fomos acostumados/as a pensar que a natureza é apenas um recurso e que ela não é parte do somos.

Depois de refletir sobre isso, podemos pensar na realidade escolar, em nossa prática pedagógica cotidiana, e assim surgem os seguintes questionamentos:

A minha prática educativa contempla os artigos da Lei nº 9.795/99? Como posso ajudar a desconstruir o senso comum que coloca a Educação Ambiental como uma disciplina ou algo exclusivo das disciplinas de ciências ou biologia?

Como posso compartilhar isso com os/as demais educadores(as) da comunidade escolar? Quem poderia me ajudar a construir e abordar estes assuntos na minha aula?

E a minha instituição? Será que sabe da existência desta lei e seus detalhes? Como colocar tudo isso em prática?

É justamente para te ajudar a responder essas perguntas que elaboramos este material. A partir da experiência de ações educativas promovidas pelo IPEARTES/SEDUC, apresentamos alguns princípios norteadores neste texto para ajudar os(as) educadores(as) na elaboração de suas próprias atividades.



Como sensibilizamos nossos/as estudantes?

É comum, em práticas de Educação Socioambiental, começarmos com os problemas ambientais para abordar o assunto. Muitas vezes, sensibilizamos nossos/as estudantes para as questões socioambientais pela dor, pela ameaça de um futuro ruim ou transmitindo um sentimento de desesperança. Chegamos até as crianças e jovens com frases prontas: “Se você não cuidar do seu lixo, o mundo vai acabar”, “O tempo para alguma mudança está acabando”, “Se não economizar água, não vai ter mais água doce no mundo”, as frases, geralmente, são negativas e, sozinhas, podem criar estados emocionais de medo. Será que esta é a melhor estratégia? Você já pensou no impacto que esta abordagem pode surtir, especialmente nas crianças?

Precisamos nos atentar que este tipo de sensibilização tem trazido muitas consequências negativas para a juventude. Será que a apatia dos jovens não tem relação com abordagens como essas, repassadas no ambiente escolar e nos noticiários? Como as crianças e os jovens podem sonhar com um mundo melhor se falamos dele como um lugar sem um futuro promissor, ou

mesmo sem futuro? A educação tem o papel social não só de educar e informar, mas também de alimentar emocionalmente os sonhos dos/as estudantes de boas expectativas ou perspectivas de vida. Sem isso, eles/elas se tornam menos resilientes, mais vulneráveis, apáticos, desmotivados/as e até mais suscetíveis a doenças como a depressão e a ansiedade.



Fonte: Beck, 2020.

Para que nossa existência faça sentido e nossas atitudes nos movam no mundo, é necessário cultivarmos, por meio da educação, a beleza e o valor da vida, antes de abordá-la em sua densidade e complexidade, especialmente quando lidamos com as crianças e adolescentes. Precisamos lembrar que elas estão chegando em um mundo que possui muitos problemas, mas não devemos torná-las parte disso inicialmente. Trazendo a visão do todo, que inclui sua beleza e boas soluções, o olhar das crianças será direcionado ao cuidado, ao afeto e às conexões profundas que

esta relação com a natureza proporciona.

Neste sentido, propomos que as nossas práticas pedagógicas invertam a lógica do aprendizado comumente disseminado - com o aprendizado em caixinhas, que limita o conhecimento sem mostrar as possíveis ligações entre os diversos saberes e que apresenta as situações isoladas, sem mostrar o contexto de forma “macro”. Propomos, primeiramente, colocar o valor na beleza da vida, nas conexões que nos fortalecem como humanidade, nos conteúdos didáticos antes de trazer as reflexões críticas e os problemas. Ao lado disso, buscamos apresentar a questão do ponto de vista do macro para o micro, do todo para o local, do mundo para o sujeito.



Atividade realizada pela equipe de São João da Aliança, Olimpíada de Humanidades, 2018

Neste sentido, a arte/educação, enquanto abordagem integral, ganha destaque, pois, atra-

vés da ação transdisciplinar, as diversas áreas do saber e os conteúdos artísticos levantados pelas vivências do sujeito presente em determinado território, fazem-no apreciar a natureza e valorizar todos os aspectos socioculturais associados a ela (RODRIGUES ET. AL., 2017). Ver beleza no cotidiano dos povos cerradeiros e transmitir através da arte os conhecimentos gerados nesse processo é uma possibilidade que surge com a educação integral.

Precisamos compreender como o sujeito, que está passando pelo processo de aprendizagem, se percebe no mundo. Como ele/ela sente, como ele/ela deseja se mover e transformar seu aprendizado em suas ações no ambiente mais próximo. Na prática, movimentamos os aspectos do pensar, do sentir e do querer que compõem o Ser Integral. A arte potencializa essas dimensões da aprendizagem, criando espaços para o surgimento de uma diversidade das formas de ser/estar no espaço educativo/Cerrado/mundo.

Consideramos que os conteúdos didáticos devem focar no valor para a vida, e não somente nos problemas. Precisamos nutrir a existência de nossos/as estudantes e não apenas jogar a culpa do mundo em suas costas.

Portanto, convidamos os/as educadores(as) a refletirem sobre nossos discursos nos espaços

educativos, principalmente sobre a forma como abordamos alguns assuntos.

Precisamos refletir se estamos fazendo dos nossos espaços educativos um lugar que educa pelo medo e a escassez ou se estamos educando pela busca de soluções a partir do amor e do respeito.



Fonte: Beck, 2020.



A vida não é útil



Ailton Krenak, fonte: conexaoplaneta.com.br

Citamos Ailton Krenak abaixo para chamar a atenção sobre outro aspecto fundamental na Educação Socioambiental, que deve ser alimentado por nós em nossas práticas educativas, que está em deixar claro que a natureza não é um recurso ou um meio de sobrevivência.

Não devemos zelar pelos elementos naturais porque eles nos são “úteis”. Precisamos da compreensão de que somos natureza, parte integral desse elemento, que temos responsabilidades com os animais, plantas, ar, água, solo, porque vivemos interconectados e interdependentes. A vida por si só merece respeito!

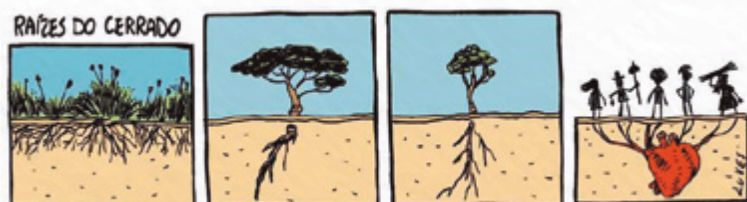
Nós temos que fazer a nossa parte em busca de um equilíbrio que nos favoreça e contribua com a vida no planeta, numa lógica de ganha-ganha. Assim, contribuímos para a diminuição dos problemas que a humanidade vem acumulando com a natureza (KRENAK, 2020).

À medida em que avançamos nas fases do ensino, podemos introduzir as complexidades que envolvem esta grande rede natural da vida. É importante destacar que sempre devemos conectar os aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais às temáticas, para que assim a cidadania planetária, ou seja, o ser cidadão comprometido com o nosso planeta, seja aos poucos internalizada pelos estudantes, até conseguirem compreender como todo o sistema socioeconômico funciona e qual o seu lugar nesta história.



Fonte: Mauricio de Sousa, disponível em: <https://site.sabesp.com.br>

Cerradania



Aqui na Chapada dos Veadeiros trabalhamos na perspectiva da Educação Socioambiental através de um conceito que descreve bem nossas tentativas de mudança de paradigma dentro de nossas práticas: a **cerradania**.

GLOSSÁRIO A-Z

CERRADANIA

Cunhado pelo neologismo composto da junção entre Cerrado e cidadania, que identifica as pessoas em consonância com o pertencimento e participação nas causas do Cerrado (BARBOSA, 2017).

Este novo termo está em plena construção. Para Rocha e Neto (2019) cerradania é uma referência à cidadania, mas em vez de ser apenas os direitos e deveres dos moradores de um território, o termo se refere ao Cerrado. Ou seja, é o compromisso de quem mora nesse território de coexistir respeitando a diversidade e as singularidades desta terra. Para Barbosa (2017), esse

termo está intimamente cunhado às relações afetivas, geográficas, sociológicas, filosóficas e de uma coexistência baseada nos princípios de uma verdadeira sustentabilidade, que leva em consideração o equilíbrio entre as relações formadas dentro do bioma Cerrado, que são passadas de geração a geração pelos povos que aqui se estabeleceram. Cerradania envolve ação, deixar-se afetar pelo que há no local onde você vive, seja pelo belo, pela cultura, pelos valores que a natureza do Cerrado nos ensina a cada dia. É perceber o Cerrado como um todo e não como fomos ensinado/as até hoje, tratando o meio ambiente apenas pela ótica capitalista, mercantilista.

O bioma Cerrado nos revela que tudo está conectado, dentro ou fora do solo. E por isso devemos conhecer e festejar as raízes das culturas cerradeiras, as veredas e campos úmidos que abastecem os lençóis freáticos, reconhecer a abundância cerradeira com tantas frutas deliciosas e nutritivas, enxergar que a vida nos presenteia com tantas paisagens naturais, cachoeiras e constelações.

O Cerrado também nos ensina a aceitar e conviver de forma harmoniosa com os ciclos naturais, com seus longos meses de chuva e de seca, até mesmo com o temido fogo, que também é parte desse bioma. E, principalmen-

te, nos ensina sobre a força que é viver em comunidade, ou ainda o Bem Viver Cerratense. Observar o Cerrado, seus ciclos, sua ancestralidade é um modo de aprender sobre nossos valores internos e habilidades socioemocionais, pois também são alimentados por esse bioma que nos ensina resiliência, solidariedade, afeto, criatividade e força interior.

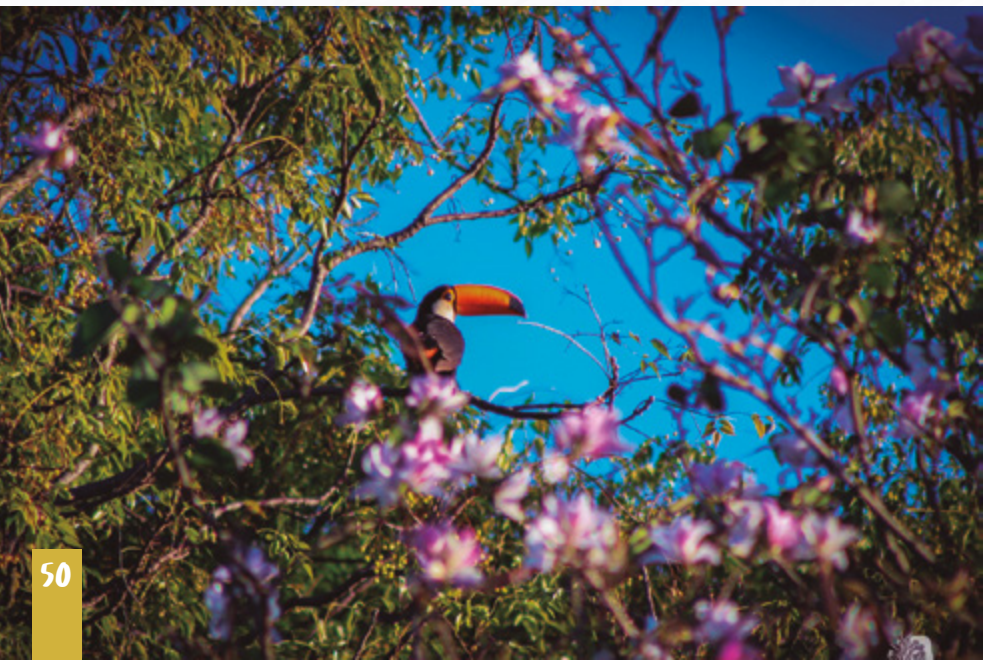
Depois de alimentarmos nossos/as estudantes com amor e respeito ao Cerrado, podemos começar a abordar as ameaças a esse bioma que são constantes e diárias, e que muitas vezes estão presentes na realidade dos/as estudantes, especialmente daqueles/as que vivem no campo. A Chapada dos Veadeiros, a APA de Pouso Alto e o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros sofrem ameaças relacionadas à grilagem de terra, agronegócio, loteamentos ir-



regulares, mineração, entre outras.

Levar esses assuntos para dentro de salas de aula não é tarefa simples, pois pode ser que tenhamos na sala filhos e filhas de mães e pais que trabalham nessas áreas, ou de famílias que sofrem com esses problemas. Tendo em vista que pode ser delicado abordar essa temática, é fundamental um bom planejamento de atividade pelo/a educador/a.

Vejamos exemplos de aplicação do que estamos trazendo em nossas práticas. Vamos começar pelo mais simples, que são sequências didáticas vinculadas à matriz estadual de educação. Mas, antes, aprofundaremos na matriz curricular e documentos norteadores para essas ações.



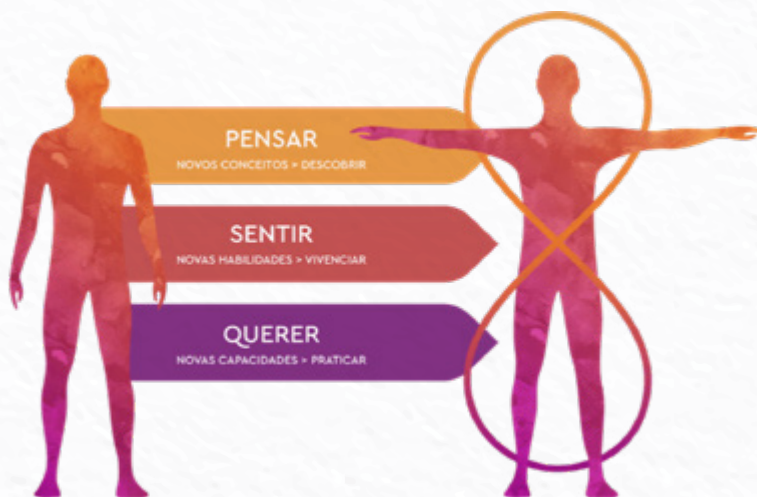
Matriz curricular e a educação socioambiental

O desafio da Educação Socioambiental integrada a matriz curricular escolar se inicia a partir de encontrar estratégias que buscam alcançar a tão sonhada transdisciplinaridade. Iniciamos com um exemplo fácil para expor estas estratégias, o conteúdo Bioma Cerrado que está inserido na matriz curricular do 5º ano do Ensino Fundamental. Lembre-se, a afetividade, o sentimento de pertencimento e o tom misterioso, que desperta curiosidade precisa estruturar sua abordagem de experiência significativa. Ao abordar este tema, sugerimos ativar a imaginação dos estudantes a partir da estratégia “do macro para o micro”, uma vez que ela possibilita incorporar o conceito de cidadania planetária, que traz a consciência de que a Terra é parte integral de nós. Não estamos no mundo; viemos do mundo, e por isso conhecê-lo em sua totalidade leva a criança para o lugar de que ela é também parte de algo grandioso, fabuloso. Sendo assim, comece contando a história natural do planeta, dos tempos antigos, de como a

Terra, as savanas e posteriormente o Cerrado surgiram. Cite por exemplo, que os cientistas descobriram que boa parte do Cerrado já foi mar um dia, e que as rochas mostram para nós através de suas marcas o que aconteceu a milhões de anos atrás. Aqui no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros elas estão em toda parte das trilhas das cachoeiras do Parque Nacional.

Encontrar correlações entre esses eventos milenares, mas que ainda ocorrem nos dias de hoje, mostra aos estudantes a grandiosidade e complexidade do Cerrado. Outra sugestão de tema é a realização de pesquisas com o objetivo de relembrar o modo como povos e comunidades tradicionais produziram tantos conhecimentos a respeito da descoberta e dos usos medicinais de plantas. Conhecer as festividades tradicionais, como as folias e mesmo a festa junina, e evidenciar como a dinâmica dos festejos está diretamente ligada aos ciclos do Cerrado, é outra forma de fazer Educação Socioambiental. Conhecer a diversidade de frutas, animais endêmicos e até mesmo de pessoas importantes que já habitaram ou habitam esse local também é uma alternativa de abordagem.

Desse modo, reconhecer a ancestralidade, a biodiversidade, a cultura e a riqueza do Cer-



rado é uma maneira de mostrar para nossos/as estudantes que coexistir neste bioma é algo especial. Depois dessa sensibilização podemos passar para o segundo passo, que é estimar a compreensão crítica do que temos que fazer para cuidar do Cerrado.

Você, educador/a, pode trazer as três dimensões do Ser Integral através de várias metodologias, envolvendo a arte-educação, o método científico, o lúdico, trilhas interpretativas e/ou os círculos de cultura de Paulo Freire. Para aprofundar nessas metodologias, indicamos a leitura do livro “Encontros e Caminhos: Formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadoras(es)” (2005), do Ministério do Meio Ambiente.

Precisamos ter em mente que o sujeito sempre deve estar no centro da aprendizagem em

nossas práticas, e que é importante trazer uma linguagem com a qual ele se identifique, pensando nos significados presentes na realidade de cada um; tratando das riquezas e das belezas (antes que os problemas sejam abordados). Tais atitudes equilibram e afetam as três dimensões do Ser Integral: o pensar, o sentir e o querer.

Outro exemplo, já no 5º ano do Ensino Fundamental I, vinculado à matriz curricular, são as mudanças climáticas. Para tratar de um tema como esse, sugerimos que seja abordado as 4 estações do ano. Na sequência, é importante focalizar a realidade do Cerrado, que apresenta dois momentos bem definidos: seca e chuvosa, valorizando cada estação e a consciência sobre a natureza e da sua ciclicidade. Estimulando a observação do cotidiano dos ciclos da natureza (dia, noite e luação) e valorizando a experiência de cada um/uma, a criança vai compreender a ordem e a alteração do clima (chover quando não é esperado, estar mais quente ou seco



que o esperado, etc.) que podem acontecer durante alguns ciclos, pois as mudanças climáticas já podem ser sentidas por ela. Neste sentido, a mudança climática se torna parte da experiência prática do conteúdo e não uma apresentação direta, recheada de ameaças à vida (vai ter seca, os animais vão morrer de sede, o Cerrado vai virar deserto, os rios vão secar), como é de costume acontecer em algumas abordagens práticas.

O que estamos propondo aqui é trazer as belezas da vida, os ciclos do Cerrado, a noção de pertencimento e a natureza não como um recurso, mas algo que também faz parte de cada um de nós.

É importante compreendermos que não devemos deixar de falar sobre nenhum assunto, não é esta a proposta. Todos os conteúdos devem ser expostos de maneira verdadeira. O que estamos propondo é uma inversão na lógica do aprendizado que comumente é feito através do medo, Isso faz do conhecimento, algo grande processual, uma informação, dado que pode ser acessado e descartado a qualquer momento, e assim o/a educador/a é mero reprodutor(a) desse saber e sua ação acaba tornando-se mecanizada. No formato convencional de Educação Ambiental, valorizam-se a forma e as regras em vez de ajudar o estudante

a encontrar algum sentido na vida. Ao contrário disso, buscamos uma aprendizagem significativa e que leve em consideração o Ser Integral, seu conhecimento prévio, o que cada sujeito é e representa, contextualizando as temáticas em sua realidade, reconhecendo-o/a como autônomo/a e potente para o bem viver.

“A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão do mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo, não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Educar, então, não seria como dizia Emile Durkheim, a transmissão da cultura de uma geração para outra, mas a grande viagem de cada indivíduo no seu universo interior e no universo que o cerca” (MOACIR GADOTTI APUD FERRARO-JÚNIOR & SORRENTINO, 2005).



Práxis

Corroborando o conceito adotado por Paulo Freire, a práxis remete à ideia de um conjunto de práticas que visa à transformação da realidade e à produção da história. Nos espaços educativos, a práxis envolve as ações para construção dos conhecimentos e conteúdos a partir de metodologias que contribuem para a formação crítica e emancipatória dos sujeitos (CARVALHO e PIO, 2017).

Capítulo 04



Documentos norteadores para as ações

Conhecer os documentos norteadores e as leis que regem as políticas públicas de Educação Ambiental é muito importante para o planejamento das atividades educacionais. Quando nos apropriamos deles, trazemos maior profundidade e contextualidade sobre os assuntos que iremos abordar.

Se você é educador/a do Estado de Goiás e reside no Nordeste Goiano, sugerimos a leitura dos documentos abaixo. Caso seja educador/a de outra região, pesquise quais são as leis estaduais e municipais importantes no seu contexto.

Legislação	Objetivos da Lei
Decreto federal nº4.281, de 25 de junho de 2002	Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a PNEA, e dá outras providências.
Programa Nacional de Educação Ambiental (PRO-NEA, 2005)	Este documento, sintonizado com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, apresenta as diretrizes, os princípios e a missão que orientam as ações do Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA, a delimitação de seus objetivos, suas linhas de ação e sua estrutura organizacional.

Decreto Estadual nº 6.375, de 16 de fevereiro de 2006	Dispõe sobre a instituição da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Estado de Goiás e dá outras providências.
Legislação	Objetivo da Lei
Resolução Conama nº 422, de 23 de março de 2010	Estabelece diretrizes para as campanhas, ações e projetos de Educação Ambiental, conforme Lei nº 9.795/1999.
Lei Estadual nº 16.586, de 16 de junho de 2009	Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Estadual de Educação Ambiental e outras providências.
Resolução CNE nº 2, de 15 de junho de 2012	Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
Decreto nº 7.821, de 05 de março de 2013	Estabelece o desenvolvimento de programas de educação ambiental com enfoque na conscientização de proteção à fauna e flora, além da destinação adequada dos resíduos sólidos e não sólidos (efluentes) produzidos.
17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (17 ODS's)	Em especial, o objetivo #4, que tem como meta "assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos".



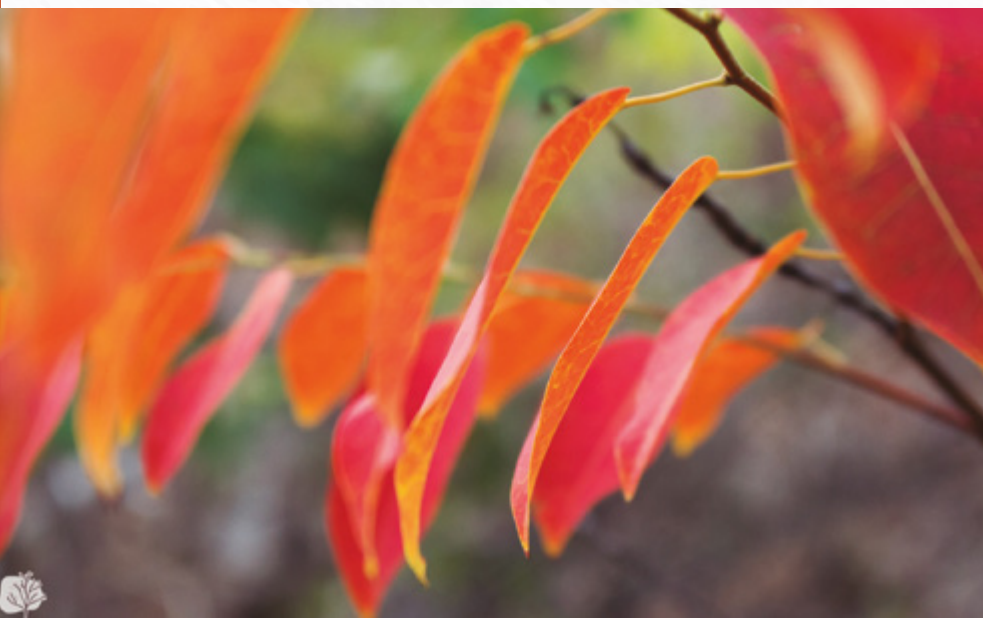
Capítulo 05



Sequências Didáticas

Apesar da ESA idealmente ser transdisciplinar, para que isso aconteça, primeiramente, os/as educadores/as precisam conhecer e se sensibilizar com estas questões.

Apresentamos aqui sequências didáticas com metodologias ativas e criativas que irão auxiliar educadores/as no desenvolvimento das suas atividades de Educação Socioambiental. Convidamos você a romper paradigmas dentro do espaço escolar, ousando incorporar, dentro do possível, a transversalidade na prática do sistema de ensino da sua escola.




ATIVIDADE 01: Linha do tempo da gestão Socioambiental


Público-alvo: Educadores/as da Rede Pública

Tempo de atividade: 2h


Recursos: imagens, barbante, prendedores, papel e lápis

Objetivo: Resgatar os fatos históricos que marcaram a Educação Ambiental no Brasil e no mundo, aprofundando-os e discutindo dentro da realidade local

 **1º Momento:** Ritmo (10min): O trem. Seu objetivo é provocar a percepção do corpo (querer) e a disposição (sentir) para a contribuição na atividade. Nessa dinâmica, cada um se expressa da sua forma e contribui para a formação do “trem”.

 **2º Momento:** Linha do Tempo da Educação Socioambiental no Mundo, no Brasil e no território da APA Pouso Alto (1h30min). A educação socioambiental apresenta um histórico de ações ao redor do mundo, especialmente a partir do século XX, que trouxe a construção do conceito de educação ambiental, sua legitimação por meio de organizações internacionais, nas constituições

nacionais e sua incorporação na política nacional de educação brasileira e nas práticas pedagógicas. Hoje, incluindo-se a discussão dos aspectos socioeconômicos relacionados aos aspectos ambientais, ampliou-se o conceito para educação socioambiental. A dinâmica deve ser realizada por um/a facilitador/a que irá trazer os principais fatos históricos. Durante a atividade da linha do tempo, os/as educadores/as devem ser convidados à incorporar mais informações relevantes à temática.

-  **3º Momento:** Encerramento (20min): Após a construção da linha do tempo, todos os educadores(as) devem ser convidados(as) a discutir sobre o resultado da Educação Socioambiental em seu território e os caminhos que podemos seguir no contexto local.





INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR DA ATIVIDADE

LINHA DO TEMPO:

Principais fatos históricos no mundo, no Brasil e na Chapada dos Veadeiros. Sugestão de Fotos:

1945

- Fim da 2ª Guerra Mundial e início da Guerra Fria

1948

- Criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Foto 1)

Década de 1940



FOTO 1

Década de 1950



FOTO 2

1950

- Inicia-se o processo de criação do Parque Nacional do Tocantins - nome original do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros que será concluído em 1961, através do Decreto nº 49.875 (Foto 2).

1953

- Veadeiros se emancipa de Cavalcante, elevando-se à categoria de município.

1954

- Desastre de Minamata no Japão - Contaminação por mercúrio.

1957

- Marca a chegada dos primeiros movimentos dos grupos místicos em Alto Paraíso: Fazenda Bonaespero, grupo proveniente de Recife, adeptos ao Esperantismo.

1960

- Explosão de movimentos sociais na luta pelos Direitos Humanos (das mulheres, minorias, entre outros). Advento do Movimento Hippie e sua influência ao redor do mundo (Foto 3).

1961

- No município, houve a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros pelo presidente Juscelino Kubitschek (Foto 4).

1963

- Chegada de vários grupos místicos na Chapada dos Veadeiros como os Cavaleiros de Maytree, as Cúpulas de Saint German e os seguidores de Osho. A vinda de muitos desses grupos foi legitimada por visões e profecias que apresentavam Alto Paraíso como o refúgio dos cataclismos ambientais e sociais que abalariam o mundo no Terceiro Milênio (Afiune e Oliveira, 2015).

1964

- Golpe e início da Ditadura Militar no Brasil.

1965

- Foi na Conferência de Educação em Keele, na Grã-Bretanha, a primeira vez que o termo Educação Ambiental (EA) foi utilizado.

1968

- UNESCO realiza estudo sobre EA, compreendendo a mesma como um tema complexo e interdisciplinar (Foto 6).
- Clube de Roma e relatório Limites do crescimento (publicado em 1972). Paulo Freire escreve sua obra "Pedagogia do oprimido" enquanto estava exilado no Chile.

Década de 1970**Década de 1960**

FOTO 3



FOTO 4



FOTO 5



FOTO 6

1970

- Ditadura no Brasil. A censura colabora com a pauta dos problemas ambientais. Como exemplo, em 1977, o município de Cubatão já sofria com a má qualidade do ar, crianças começaram a nascer com acefalia. Associação gaúcha de proteção ao Meio Ambiente (AGAPAN) marca o ambientalismo brasileiro (Foto 7).

Megaprojetos de “desenvolvimento”: Rodovia Transamazônica, Itaipu Binacional, Usina Nuclear de Angra dos Reis.

1972

- Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em Estocolmo, visava mudar o modelo de desenvolvimento econômico mundial. Recomendações e princípios: Declaração de Estocolmo contra o uso de armas nucleares, Plano de ação para o Meio Ambiente, proposição de um Programa Internacional de Educação Ambiental.

- Criação do conceito Felicidade Interna Bruta (FIB), novo indicador sistêmico desenvolvido no Butão - país localizado na Ásia Meridional - com apoio - com apoio do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD).

1975

- Criação do Programa das Nações Unidas do Meio Ambiente (PNUMA) pela UNESCO, ascensão das ONGs (Foto 8).

- Simpósio Internacional de Educação Ambiental, Belgrado. Carta de Belgrado, proposta de uma nova ética global.

1977

- Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, de Tbilisi (antiga União Soviética). Marca o surgimento da EA a nível mundial, através da I Conferência Intergovernamental sobre EA - na qual foram elaborados princípios, estratégias e ações orientadoras da EA (Foto 9).



FOTO 7



FOTO 8



FOTO 9

Década de 1980

1980

Problemas ambientais se acentuam pelo mundo - Acidentes de Bupal (Índia), Chernobyl (Ucrânia) e Alasca (EUA).

1981

Cubatão-SP ficou conhecida como “Vale da morte”. A cidade mais poluída do mundo (Foto 10).

1983

- Criação da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). Também nomeada de Comissão Brundtland, gerou o relatório “Nosso Futuro Comum” que traz 3 pilares para o Desenvolvimento Sustentável: *Crescimento econômico social ambiental com equidade e equilíbrio ambiental* (Foto 11).

1986

- Paulo Freire foi premiado pela UNESCO no evento Educação para a Paz.

1987

- Acidente Radiológico com o Césio 137 em Goiânia, Goiás.

1988

- Abertura política. Constituição de 1988 no Brasil (Foto 12). Valorização dos movimentos da sociedade civil organizada. O Capítulo VI, dedicado ao Meio Ambiente, traz no Artº 225 a obrigação da promoção da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, formal e não-formal. Legitimação da participação da sociedade civil e suas organizações, em instrumentos de avaliação ambiental.

- Na Europa, partidos verdes vencem eleições em 3 países.

1989

- Queda do Muro de Berlim.



FOTO 10



FOTO 11



FOTO 12

Década de 1990**1990**

- Declaração do Ano da Educação Ambiental (ONU).

• Paralelo a questões da ONU surge o Movimento das Cidades Educadoras, lançado em Barcelona na Espanha, que culminou no documento “Declaração de Barcelona”. A partir daqui, também nascem os conceitos de Comunidades de Aprendizagem, e, em 1997, começou o processo da Escola da Ponte, em Portugal, dirigido por José Pacheco. Importante trazer isto, pois não são consequências de ações diretas da



FOTO 13



FOTO 14



FOTO 15



FOTO 16

ONU, mas sim partiram de educadores/as revolucionários/as como José Pacheco, Paulo Freire, Rubens Alves, dentre outros/as que foram alimentando estes conceitos (Foto 13).

1992

- Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - Rio 92 ou ECO 92: 178 países participaram dessa conferência. A declaração da Rio 92 traz 27 princípios sobre obrigações ambientais e direitos ao desenvolvimento. Os desdobramentos da Rio 92 são as diversas convenções, dentre as principais: Convenções sobre alterações climáticas, que deram origem ao Protocolo de Kyoto, pelo qual as nações mais ricas devem reduzir suas emissões de gases que causam o aquecimento anormal da Terra; Convenção sobre Biodiversidade e a Agenda 21. Consagram-se na Rio 92 termos como cidadania planetária, sociedades sustentáveis e desenvolvimento sustentável (Foto 14).

- Durante a ECO 92 ocorreu o Fórum Global 92, promovido por entidades da Sociedade Civil, do qual participaram cerca de 10 mil Organizações Não-Governamentais (ONGs). Este Fórum deu origem à Carta da Terra, outro importante documento que pauta, de forma crítica, os interesses legítimos da cidadania, as ações globais dos governos e dos órgãos oficiais em prol do ambiente e o desenvolvimento sustentável (Foto 15).

- A nível municipal, a Eco 92 marca o início da Educação Ambiental em Alto Paraíso de Goiás, com o "Projeto Veadeiros" da WWF. Em 1993 o PNCV ganha destaque Nacional com a criação do Jardim de Maytrea, Projeto "Janelas para o Mundo" (Foto 16).

- Acordos de cooperação internacional para a promoção da Educação Ambiental de países em desenvolvimento se intensificam, especialmente no Brasil, o que acaba por influenciar diretamente na EA da Chapada dos Veadeiros.

No Brasil, todas estas questões convergem nos seguintes eventos:



FOTO 17



FOTO 18



FOTO 19

2001

- No município de Alto Paraíso de Goiás acontece o 1º Encontro de Culturas idealizado por Juliano Bastos

- 2002: RIO + 10 - 2º Encontro da ONU sobre Ambiente e Desenvolvimento Sustentável Johannesburgo - África do Sul (Foto 20).

Objetivos deste encontro:

1. Avaliação do progresso ambiental ocorrido na década desde a ECO 92.

1993

- Cria-se o PNEA: Política Nacional da Educação Ambiental (Foto 17).

1994

- Ascensão do Programa Nacional de Educação Ambiental (EA).

1997

- REBEA - Rede de Educação Ambiental (Foto 18).

- Reorientação escolar, por meio das Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na qual se introduz a Educação Ambiental na Educação Básica.

- Falecimento de Paulo Freire em 1997 (Foto 19).

- O Movimento da Ecopedagogia ganha força, com apoio do Instituto Paulo Freire e de diversos pesquisadores como Moacir Gadotti e Gustavo Lima.

1999

- O Congresso institui, através da Lei Federal nº 9.795/1999, a PNEA. Inicia-se a Campanha Parque Vivo em Alto Paraíso, que teve apoio do estado e do Ministério do Meio Ambiente. Houve oficinas de cerâmica, tecelagem, ecoturismo, agroecologia, dentre outros movimentos até 2004.

• Anos 2000



FOTO 20

2. Tratar dos temas da erradicação da pobreza, da mudança dos padrões de produção, consumo e manejo de recursos naturais para o desenvolvimento sustentável.

2003

• Criação do Conselho Consultivo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (CONPARQUE), do Conselho Municipal de Meio Ambiente (COMDEMA) e do Plano diretor de Alto Paraíso de Goiás.

2007

• Lei ordinária nº 787/2007 - obrigatoriedade de inserção, nas escolas municipais de Alto Paraíso de Goiás, da disciplina Educação Ambiental/ Meio Ambiente.

Década de 2010



FOTO 21



Nesta atividade trabalhamos o conceito “do macro para o micro”, contextualizando fatos históricos mundiais com os acontecimentos locais. A conexão busca alimentar o pertencimento histórico.

2012

• Rio + 20: Realizada em 2012, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) constituiu um dos maiores eventos da história da ONU, contando com a participação de 193 delegações.

• A atuação do Brasil como líder do evento contribuiu para que o documento final “O Futuro que Queremos” alcançasse um resultado equilibrado, atendendo às aspirações de países desenvolvidos e em desenvolvimento. Dentre os principais resultados da Conferência, destaca-se o compromisso assumido pelos Estados para a erradicação da pobreza extrema. Nessa ocasião foi feito o lançamento da criação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Foto 21), a criação do Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável e o incentivo ao fortalecimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). O PIB passa a não ser o único critério de avaliação de desenvolvimento econômico de um povo, mas sim os 3 pilares do desenvolvimento sustentável: econômico, social e ambiental.

TRANSFORMANDO NOSSO MUNDO:

AGENDA 2030

PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

FOTO 22

• Paulo Freire se torna o Patrono da Educação Brasileira (Lei 12.612).

2015

Cúpula das Nações Unidas com representantes de 193 países lançam o documento final sobre os ODS “Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável” (Foto 22).

• Os desastres ambientais em Mariana (2015) e Brumadinho (2019) indicam a necessidade de acompanhamento permanente de atividades com grandes riscos às populações locais e a busca por justiça social aliada ao direito ambiental.



ATIVIDADE 02:

Mapa Socioambiental da APA de Pouso Alto

Público-alvo: Educadores(as) e estudantes da rede

Tempo de atividade: 2h

Recursos:

Mapa da APA de Pouso Alto, papel, canetinha, giz de cera.

Objetivo: Trabalhar a noção de pertencimento no território em que se vive, aprofundando os sentidos e percepções em diversos contextos socioambientais, culturais, e econômicos da região.



1º momento Ritmo: Leitura do poema

“O cântico da Terra”, de Cora Coralina (5min).

O Cântico da Terra (Cora Coralina)

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,


e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

 **2º Momento (1h30):** Conhecendo o nosso território e construindo o Mapa socioambiental da APA de Pouso Alto”

Nesta atividade, iniciaremos com um jogo cooperativo:

- Dividir a turma em três equipes similares; Cada grupo, um por vez, irá realizar uma etapa do jogo cooperativo, onde seu objetivo é montar o mapa dos municípios que compõem a APA de Pouso Alto com o nome dos locais e das comunidades tradicionais presentes no território;
- Distribuir lápis de cor e papel para os grupos. A seguir, pedimos para eles elencarem informações e/ou situações que lhes remetam à cultura e à biodiversidade deste território e que os desenhem memórias afetivas, elementos da fauna, flora, frutos do Cerrado, entre outros. Os desenhos devem ser anexados ao mapa geral.

Continuando, os grupos voltam a se reunir para a segunda etapa:

- Sorteiam-se perguntas para que os/as estudantes respondam. Cada grupo terá a mesma quantidade de perguntas e um tempo de 25 minutos para a elaboração das respostas.
- Depois do debate, com o apoio da moderação, essas informações serão complementadas. Neste momento, você pode apresentar (de preferência impressas) as

curiosidades sobre cada município. O objetivo é estimular a interação e que haja conteúdos e informações a serem construídas e englobadas no mapa socioambiental.



PERGUNTAS

SUGESTÕES DE PERGUNTAS GERADORAS

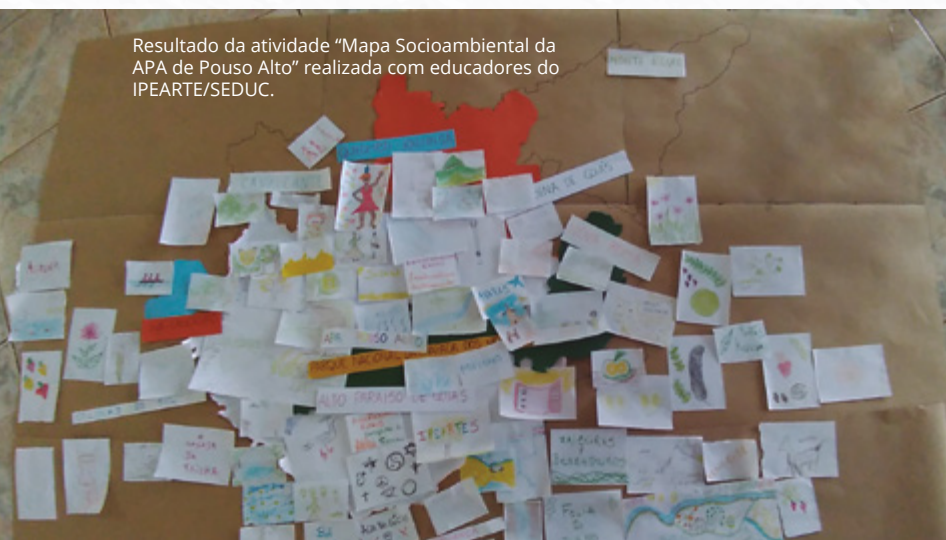
- Quais são as manifestações culturais destes municípios?
- Existem comunidades tradicionais nestes municípios? Quais são?
- Você conhece a biodiversidade nestes municípios? Sabe dizer o que só existe nesta região?
- Quais são os aspectos sociais e econômicos destes municípios? Quais são as principais formas de geração de renda neste local?
- Quais são as ameaças e/ou desafios socioambientais presentes nestes municípios?



3º Momento (20min): Encerramento

Neste momento, com o mapa já construído, será realizado um círculo de diálogo e cultura sobre a atividade do Mapa Socioambiental, onde todos e todas poderão falar sobre os aspectos que mais chamaram a atenção de cada um/a durante a atividade.

Resultado da atividade "Mapa Socioambiental da APA de Pouso Alto" realizada com educadores do IPEARTE/SEDUC.





INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES DA ATIVIDADE

O QUE É UMA APA?

APA ou Área de Proteção Ambiental é um tipo de unidade de conservação - área territorial onde são reconhecidos os recursos ambientais e características naturais relevantes e, portanto, deve ter garantida a sua proteção por parte do Poder Público. A APA é classificada como uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, onde é permitido, por meio de um plano de manejo, o uso dos recursos naturais e instituídas as atividades econômicas possíveis de serem desenvolvidas de acordo com o clima, o solo, o relevo, a umidade, entre outros aspectos ambientais e socioeconômicos da região.

O QUE É A APA DE POUSO ALTO?

A Área de Proteção Ambiental – APA de Pouso Alto foi criada pelo Decreto nº 5.419, de 7 de maio de 2001, do Governo do Estado de Goiás, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento sustentável e preservar a flora, a fauna, os mananciais, a geologia e o paisagismo da região de Pouso Alto, localizada na Chapada dos Veadeiros, nordeste do Estado de Goiás. Engloba parte dos

municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Colinas do Sul, Nova Roma, São João d'Aliança e Teresina de Goiás. Por ser Área de Proteção Ambiental (APA), possui um plano de manejo que foi aprovado em 07/05/2001 por meio do decreto de N° 5.419.



www

LINKS

Para conhecer melhor o plano de manejo acesse nosso padlet que possui muitas informações relevantes e resumidas.

<https://padlet.com/laryssapires1/3pagtonforld4jdj>

PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS (PNCV)

O Parque abrange uma uma área de 240 mil hectares e está presente nos municípios de Alto Paraíso de Goiás, Colinas do Sul, Cavalcante e Nova Roma.

Atrativos disponíveis ao público:

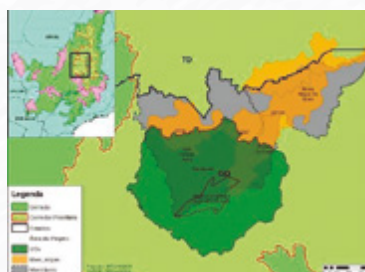
- Saltos 80 metros e Saltos 120 metros;
- Carrossel e Corredeiras;
- Cânions;
- Carioquinhas;
- Sete Quedas.

QUAIS AS COMUNIDADES TRADICIONAIS PRESENTES NO TERRITÓRIO DA APA DE POUSO ALTO? SUAS CARACTERÍSTICAS, HISTÓRIA, HÁBITOS E TRADIÇÕES?

- Terra Indígena dos Avá-Canoeiros: está localizada nos municípios de Colinas do Sul e Minaçu, próxima a Serra da Mesa.
- Sítio Histórico Quilombola Kalunga: presente nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás.
- Povoado do Moinho - Comunidade Quilombola localizada em Alto Paraíso de Goiás, a 12 km do centro urbano. Conta com uma população de cerca de 200 pessoas da comunidade tradicional.

CURIOSIDADES

Menos de 7% das comunidades tradicionais quilombolas conseguiram o processo de titularização de suas terras no Brasil. Em Goiás, existem 47 comunidades quilombolas, sendo que apenas 18 comunidades participam atualmente do processo de titularização de suas terras.



Fonte: CEPF Cerrado, 2021

CURIOSIDADES SOBRE O TERRITÓRIO

• Qual é o ponto de maior altitude da Chapada dos Veadeiros?

Dentro dos limites do município de Alto Paraíso de Goiás, fica localizado o Morro do Pouso Alto, ponto mais alto de toda a Região Centro-Oeste do Brasil e do Planalto Central, com 1.691 metros de altura. O morro fica localizado em área próxima à GO-118/BR-010, no sentido norte (Teresina de Goiás).

• Qual é o maior lago artificial presente na região?

Lago Serra da Mesa, com 1.784 km² de área inundada e 150 metros de profundidade média. É a quinta maior represa artificial do país.

• Qual é o município com maior média de altitude da Chapada dos Veadeiros?

Alto Paraíso de Goiás, com 1.200 metros.

• Qual é o maior agrupamento de comunidades quilombolas no Brasil?

Patrimônio Cultural e Sítio Histórico Quilombola Kalunga está localizado nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás. São mais de 262 mil hectares reconhecidos, há quase vinte anos, pelo governo federal, com aproximadamente 1.500 famílias espalhadas por, ao menos 39 comunidades no Quilombo.

• Qual a maior queda d'água do estado de Goiás?

A Cachoeira do Label em São João D'Aliança. Possui 187 metros de altura, superando em 19 metros o Salto do Itiquira, considerada, até 2018, a maior queda-d'água de Goiás. A cachoeira fica na Reserva Bellatrix, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), localizada a 25 km do município de São João d'Aliança e a cerca de 175 km de Brasília.

CURIOSIDADES SOBRE O MUNICÍPIO DE CAVALCANTE

Antes de 1592, época que os primeiros bandeirantes chegaram em Goiás, a região da Chapada dos Veadeiros era dominada pelos povos indígenas Xavante e Avá Canoeiro, que lutaram por quase três séculos por seu território.

Os primeiros garimpeiros na região, liderados por Julião Cavalcante estabeleceram-se em 1736 à margem do córrego Lava Pés em busca de ouro, na Serra da Cavallhada. Tempos depois, no fim do século XVIII, havia mais de nove mil garimpeiros e escravos na região, sendo uma das principais produtoras de ouro de Goiás, até que exauriram suas minas.

Em 1780 com a debandada de muitos garimpeiros, iniciou-se um novo ciclo na região. De um lado grandes engenhos de trigo, de outro, os primeiros qui-

lombos começavam a surgir na região. Chamaram este lugar de Kalunga, o que na língua banto também significa lugar sagrado, de proteção.

Mais de duzentos anos depois, lideranças kalungas, aliados ao movimento negro e pesquisadores, participaram da elaboração da Constituição do Estado de Goiás, promulgada no dia 5 de outubro de 1989, que em seu Art. 16 do ADCT, definiu os limites do território Kalunga em seu parágrafo primeiro. Posteriormente a Lei nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991, dispôs sobre o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.



www

LINKS

Sugestão de estudo:

“ Comunidades tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais”

<https://journals.openedition.org/confins/11392>

TERRITÓRIO

<https://quilombokalunga.org/press/territorio/>



Fonte: NASCIMENTO, D. T. apud ALMEIDA, M. G., (2016).



CURIOSIDADES SOBRE O MUNICÍPIO DE COLINAS DO SUL

Colinas do Sul tem cerca de 3.523 habitantes (IBGE, 2010). Uma das suas marcas é a Caçada da Rainha, festividade que ocorre anualmente, sempre na primeira quinzena do mês de julho. O festejo homenagem ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora do Rosário.

A cidade é o centro deste evento e reúne fiéis de localidades próximas. O ritual da Caçada da Rainha realizado a cavalo durante um período de 11 dias de folia.



Fonte: IPHAN, 2021

Dois grupos – a Folia do Giro de Cima e a Folia do Giro de Baixo – percorrem a região peregrinando de casa em casa, levando as bênçãos das bandeiras vermelha (Divino Espírito Santo) e branca (Nossa Senhora do Rosário). As danças da catira e da curreleira são acompanhadas pelos participantes com palmas e sapateado. Os foliões/ãs adentram o interior das casas e, diante dos altares, louvam aos santos. Iluminados pela fé, cantam, dançam e tocam. Assim, convidam os devotos para as festividades que, nos três últimos dias, recebem a denominação especial de batuque.

O batuque se inicia com a fuga da Rainha. Os caçadores saem em busca dela, dando origem ao nome do festejo: Caçada da Rainha. Após ser encontrada, ela é levada até o local da festa, sendo recebida pelos cavaleiros e pela comunidade presente. Este é o momento mais especial do festejo, após o qual a festança prossegue com o batuque cada vez mais acirrado.



Fonte: Caçada da Rainha de Colinas do Sul no V Encontro de Culturas.
Foto de Débora Amorim

CURIOSIDADES SOBRE O MUNICÍPIO DE NOVA ROMA

Nos meados do século XVIII já existia um povoamento no local onde é Nova Roma, com o nome de São Teodoro, padroeiro do povoado, que tinha uma capela dedicada a este santo. Seus moradores eram garimpeiros de ouro e outros metais. Em 1858, foi elevado a Freguesia, com a denominação de Nova Roma, pertencente à Vila de Cavalcante. O município tem 2.136 km² e contava com 3.471 habitantes no último censo (2010). A densidade demográfica é de 1,6 habitantes por km² no território do município. É vizinha dos municípios de Alto Paraíso de Goiás, Flores de Goiás, Iaciara, Monte Alegre de Goiás, São Domingos, São João D'Aliança e Teresina de Goiás. Nova Roma se situa a 66 km a Norte-Oeste de Posse, a maior cidade em seus arredores.

A Estação Ecológica da Chapada (ESEC) de Nova Roma é a primeira Estação Ecológica a ser criada no estado de Goiás. Ela apresenta alto grau de conservação, sendo que a área do entorno foi pouco alterada. Nova Roma apresenta sete fitofisionomias diferentes do bioma Cerrado. Está localizada na área da Chapada, na Serra do Forte, porção mais elevada do município de Nova Roma, com 1.130 m de altitude e extensão de 6.811 hectares. Esta ESEC abriga nascentes e seis corpos d'água perenes: córregos Forquilha, Guariroba, Porteira, Porteira do Meio, Riachinho e Corrente, afluentes pela margem esquerda do rio Paranã, contribuinte da bacia hidrográfica do Tocantins.

Fonte: IBGE, 2021.

CURIOSIDADES SOBRE O MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA

Estende-se por 3.327,4 km² e contava com 10.257 habitantes no último censo (2010). A densidade demográfica é de 3,1 habitantes por km² no território do município. São João d'Aliança se situa a 87 km a Norte-Leste de Planaltina, a maior cidade nos arredores.

A povoação, que deu origem à sede municipal, se localizava no antigo município de Forte, hoje é apenas um povoado, com a denominação de 'Olhos D'água', em virtude de diversas nascentes existentes na região.

Em 22 de abril de 1931, o povoado foi elevado à categoria de Vila, com o novo nome de São João d'Aliança, em homenagem à Aliança Liberal de Getúlio Vargas em 1930, tornando-se sede do município de Forte, que retornou à condição de povoado.

A disputa de poder entre os coronéis, os descendentes de negros escravizados e a imigração polonesa fazem parte da trama conforme a cultura de São João d'Aliança.

A exploração de manganês em meados do século passado, até a década de 1990 carregou da região milhares de toneladas de minério de ferro para abastecer siderúrgicas em Minas Gerais e São Paulo. Com grande espaço de Cerrado aberto para a pecuária (gado de corte) e a monocultura de grãos como soja

e milho, seguida do feijão irrigado, são bem presentes na região. A agricultura extensiva, apesar de ter um grande valor econômico, tem produzido inúmeros impactos ambientais.

Fonte: IBGE, 2021.



www

SAIBA MAIS

Saiba mais

Como um soldado de Napoleão Bonaparte integra a história de Goiás. Acesse:

[HTTPS://WWW.CORREIOBRAZILIENSE.COM.BR/APP/NOTICIA/CIDADES/2017/02/19/INTERNA_CIDADES-DE,574882/CONHECA-A-HISTORIA-DO-SOLDADO-DE-NAPOLEAO-QUE-POVOOU-A-CHAPADA.SHTML](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/19/INTERNA_CIDADES-DE,574882/CONHECA-A-HISTORIA-DO-SOLDADO-DE-NAPOLEAO-QUE-POVOOU-A-CHAPADA.SHTML)

CURIOSIDADES SOBRE O MUNICÍPIO DE TERESINA DE GOIÁS

O município surgiu da iniciativa de três homens e duas mulheres: Delfino Szeerquins, José da Costa, Joaquim de Souza Fagundes, Joaquina Nunes Bandeira e Antônia Francisca Lopes. Em 1960, elas decidiram criar um loteamento no entorno de Cavalcante com Campos Belos.

As terras pertenciam à esposa de Joaquim de Souza, o primeiro a se estabelecer no local. A vila, que começou a se formar, pertencia ao município de Cavalcante. Em 1968, ganhou a condição de distrito, sendo que a

emancipação ocorreu em 1988 e a primeira eleição foi em 1989.

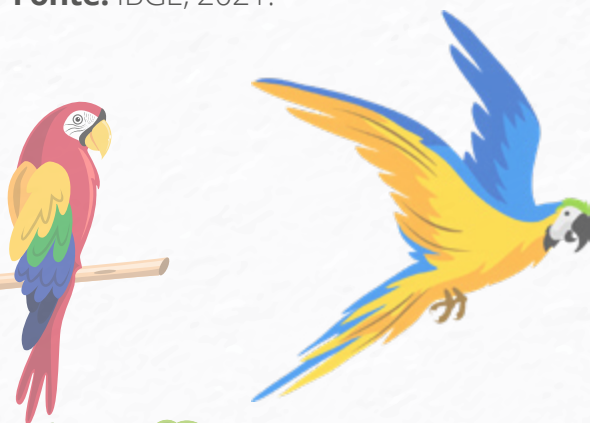
Teresina de Goiás é o município mais novo da Chapada dos Veadeiros.

Conforme o último censo demográfico (IBGE, 2010) a população local é de 3.016 habitantes. Nele está contida parte do território Kalunga e importantes comunidades quilombolas como Diadema, Ribeirão, entre outras.

As atividades desenvolvidas no município têm apresentado potencial econômico e vêm se expandindo por meio da abertura e ampliação do mercado para o artesanato, para produtos tradicionais locais, de cunho cultural, étnico, ecológico e orgânico.

Os/as Kalunga se encontram na cadeia do ecoturismo, como trabalhadores/as assalariados dos empreendimentos turísticos, como guias junto aos visitantes, e na produção de seu artesanato tradicional.

Fonte: IBGE, 2021.



CURIOSIDADES SOBRE O MUNICÍPIO DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Os primeiros registros de ocupação humana na região são de etnias indígenas como os Cayapós, os Xavantes e os Guayazes. Depois vieram os bandeirantes em busca de minas de ouro e escravos foragidos, dando início ao ciclo da mineração nos arredores da região da Chapada dos Veadeiros, que levou ao surgimento de Cavalcante em 1740.

Nessa época, Alto Paraíso de Goiás se chamava Veadeiros e pertencia ao povoado de Cavalcante. O povoamento da região ocorreu a partir de uma fazenda na segunda metade do século XVII. A área pertencia a Francisco de Almeida, um pequeno núcleo de colonizadores, principalmente lavradores. O cultivo do trigo se adaptou bem ao clima e ao solo da região. Segundo registros históricos, as primeiras sementes foram introduzidas por alguns negros egípcios escravizados que vieram da Bahia por volta de 1800.

Em 1953, Veadeiros se desliga de Cavalcante e sobe à categoria de município. Dez anos depois, Veadeiros recebe um novo nome: Alto Paraíso de Goiás.

Em Alto Paraíso de Goiás estão instalados mais de 40 grupos místicos, filosóficos e religiosos e o turismo é sua principal atividade econômica.

Fonte: IBGE, 2021.



TRILHA CIENTÍFICA NO PARQUE NACIONAL CHAPADA DOS VEADEIROS



Trilha Científica da Olimpíada de Humanidades com a juventude de escolas da APA de Pouso Alto pelo IPEARTES/SEDUC.

Curiosidades sobre a atividade a seguir:

Formulada especialmente para a Olimpíada de Humanidades promovida pelo IPEARTES/SEDUC. Pode ser adaptada para outros contextos educativos que envolvam a juventude.



A cada ano, a Olimpíada trabalha com um **tema**. Entre esses, já tivemos: “bioeconomia: diversidade e riqueza para o Desenvolvimento Sustentável” (2019/2020), “Água, terra, fogo, ar e amor: interseccionando os elementos para proteger a APA Pouso Alto” (2018). O tema é “Semeando o Bem viver: diversidade, equidade e justiça social” (2021). A partir do tema gerador são desenvolvidas

diversas atividades que trabalham as competências do currículo escolar das Ciências Humanas e suas tecnologias e Arte Educação. Através da transdisciplinaridade, os/as estudantes que participam e desenvolvem projetos ligados ao **tema** através do método científico e do método artístico. A trilha científica é uma dessas etapas.



Assista ao documentário no canal

TV IPEARTES do Youtube “Olimpíada de Humanidades 2018” no Youtube.

https://www.youtube.com/watch?v=UOIYJSX_8gY&ab_channel=TVIPEARTES

ATIVIDADE 03: TRILHA CIENTÍFICA NO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Público-alvo:

Educadores(as) e estudantes da rede Estadual de Ensino


Tempo de atividade: 3h30'


Recursos: placas dos pontos de saber, lanche para trilha, água

Objetivo: Promover uma aprendizagem significativa e ativa sobre o Cerrado e a importância do PNCV, em seus aspectos socioambientais. Como objetivos secundários, a trilha científica também pode despertar memórias afetivas através dos elementos do Cerrado e estimular um olhar sustentável em relação a este bioma,

incluindo formas de coexistência econômicas através de sua preservação, como dizemos aqui, com o Cerrado todo de pé!

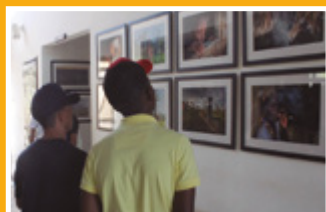
Pré-produção: Antes de chegar para a atividade, é preciso articular a logística, entrando em contato com o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A entrada, para fins educativos é gratuita, desde que previamente agendada. Além disso, pode ser necessário pedir autorização dos/das responsáveis pelos/as estudantes, se a excursão envolve menores de idade.

 **1º Momento (30min):** Chegada ao PNCV: Organize um espaço reservado trazendo uma exposição de artesanatos, fotos e curiosidades sobre o Cerrado e o PNCV para que os/as **estudantes** apreciem. (10')


 **Círculo de cultura:** Após os/as **estudantes** observarem a exposição, realizar uma roda de conversa sobre as impressões do coletivo, com mediador apontando aspectos da bioeconomia, da sociologia, filosofia, artes, geografia, português e Educação Socioambiental, por exemplo. (20').

Este é um momento fundamental para resgatar, afetivamente, as conexões que os estudantes possuem com o Cerrado e como eles a percebem em sua história de vida. Despertar este sentimento de conexão é muito importan-

te para a trilha científica, pois os/as estudantes estarão mais atentos/as aos percursos, tentando reconhecer plantas e animais, além de interagirem entre si e com suas histórias.



Visita ao PNCV, realizada durante a Olimpíada de Humanidades.

 2º momento (1h): caminhada guiada no PNCV, até o atrativo Carrossel. O percurso definido tem aproximadamente 7 km (ida e volta) de dificuldade moderada.

***A depender da época do ano, esse atrativo pode não estar acessível, Portanto, recomenda-se a visita ao Mirante do Carrossel, com ponto de banho realizado no atrativo Corredeiras.*

Durante a caminhada de ida, pare o grupo e execute os “pontos de saber”, que são locais selecionados para descanso, hidratação e aprofundamento didático. Nesses pontos, aborde assuntos como o ciclo da mineração, fauna e flora endêmica, memórias afetivas relatadas por moradores/as, regeneração de incêndios florestais, características da água do PNCV, dentre outros assuntos. Em cada Ponto do Saber é definida uma missão relacionada ao assunto destacado ao local. **Algumas sugestões de missões:**

- Quais plantas eu observei que têm na minha região e no PNCV? Quais outras plantas que nunca vi?
- Qual foi a atividade econômica que predominou na minha cidade até o atual momento? Como estão as águas da minha região? Elas também têm aspecto natural diferenciado como as águas do Rio Preto, que são escuras devido a mineralização da água?
- Quem são os atores sociais do meu município? O que fazem e como são tratados pelos/as demais moradores/as?
- No PNCV vemos muitos buritis conhecidos como a “árvore da vida”. Sua cidade tem alguma

árvore simbólica? Pesquise com moradores/as locais alguma árvore que possa ser símbolo de seu município.

- Temos diversos mamíferos de grande porte no PNCV, por isso existem muitas câmaras *traps* espalhadas pelo Parque. Existe algum animal silvestre que, em sua cidade, é simbólico para os moradores/as? Algum está ameaçado?





SUGESTÃO

Em cada Ponto do Saber, afixar ou mostrar “placas” com as informações que serão passadas aos estudantes/as. Assim é possível registrar com fotos as informações da atividade. As placas serão colocadas no momento da parada e retiradas ao passarmos. Sugere-se de 6-8 paradas de no máximo 5 minutos.

PONTO DO SABER:

A localização espacial confere à região do Parque grande importância ecológica, já que sua hidrografia abriga nascentes de rios afluentes das bacias hidrográficas do Paraná, Maranhão e Amazônica. O Rio Preto é o principal curso d'água dentro do Parque. A geologia indica que a região foi, no passado, coberta pelo mar.

Fonte: Almeida et al., 2007. Vila de São Jorge e Parque Nacional Chapada das Veadeiras: os caminhos da geografia passam por lá. Ateliê geográfico, p. 106-117.

Uma das placas que foram feitas para esta atividade

3º momento (1h):

Chegada ao atrativo e banho de rio

Este momento é o mais aguardado por todos/as. É a hora da socialização, afetividade, relaxamento e contemplação. Neste momento é importante deixar os estudantes/as bem à vontade, depois de orientar sobre os riscos - como pular de pedras altas ou ir ao fundo sem saber nadar.

ATENÇÃO: É exigência do PNCV um guia credenciado acompanhando as atividades. É extremamente importante este acompanhamento, especialmente nesta etapa da triilha. Recomenda-se a organização prévia junto ao Parque ou às comunidades próximas de um guia que possa realizar o acompanhamento voluntário dessa atividade.



4º momento (1h): De volta à Trilha

Depois de aproveitar o atrativo é hora de retornar à sede do PNCV. Reúna os/as estudantes, verifique com eles se estão levando todos os pertences e se recolheram os resíduos produzidos, inclusive os orgânicos. Estabeleça novas paradas nos “Pontos de Saber”. No trajeto de ida, os Pontos do Saber eram locais de informação. Agora, na trilha de volta, os Pontos do Saber são lugares de reflexão onde se podem abordar valores e habilidades socioemocionais, relacionando-as com as características do cerrado observado. Aproveite o descanso para hidratação dos estudantes/as.



ATIVIDADE 04: TEATRO DO IMPROVISO


Público-alvo: Educadores/as e estudantes/as da rede pública

Tempo de atividade: 2h

Recursos: Roupas, acessórios, instrumentos musicais e adereços

Objetivo: trabalhar Educação Socioambiental através da Arte

Pré-produção: Para a atividade, elabore ou solicite aos estudantes/as que desenvolvam um material informativo sobre o tema, um para cada tipo de informação, por exemplo, um sobre sementes crioulas e outro sobre transgênicas. Prepare o cenário para a atividade, com roupas, acessórios, instrumentos musicais, valorizando a encenação. Organize uma mesa central para simular um debate, como se estivessem em uma câmara municipal, na tribuna. Baixe no celular o Hino Nacional Brasileiro para início do debate. Siga os passos a seguir e utilize esse cenário organizado para a sequência didática abaixo.

 **1º momento (20'):** Ritmo: Expandindo nossa conexão com a natureza:

Faça um círculo de pessoas, o mais redondo e equilibrado possível.

Convide o grupo a “dar as mãos”, estimulando o contato através dos sentidos humanos,

se possível o da visão, para que sintam a integração de estar em roda.

Inicie o diálogo

(sugerimos que sugerimos que ele seja adaptado ao contexto local):

Estamos em conexão com todos/as do grupo e com essa natureza que nos cerca. Vamos nos imaginar como sementes nativas ou crioulas adaptadas a complexidade do nosso bioma, que mesmo em momentos de seca extrema encontra formas de se resguardar para que possa germinar e “potenciar” a vida, para que apreciem em todos os sentidos os elementos do nosso bioma, o vento, o calor do fogo e do sol, as águas frias e suaves das primeiras chuvas. Vamos fechar os nossos olhos e, reafirmar essa conexão e escutar um pedido da natureza. Após sentir que o ambiente está harmonizado, recite suave e pausadamente a oração na página a seguir.



Oração à Mãe Natureza (Rosea Bellator)

*A Natureza eu Chamo
Reverencio com Amor
Meu Lar, Meu Templo
Sagrado Solo da Vida*

*Mãe Natureza, que acolhe e ensina a todos nós
Sejamos Plantas, Insetos, Animais
Espíritos em Evolução*

Mãe Abundante
Que Vive em Ciclos

*Me ensina e me mostra a ser à sua imagem
A me proteger e pensar no futuro no Inverno
A florescer em todos os sentidos na Primavera
A viver intensamente no Verão*

*E a me recolher para retirar o que não quero mais
de minha vida no Outono*

Mãe

*Me ensina a ser flexível
Como os galhos das Árvores
Me ensina a me transformar
Como as Borboletas
A ser calmo*

Como as Ovelhas

*Mas perspicaz como os Lobos
Tão forte e caçador como o Leão*

Me ensina a me expandir como o Universo

Pois Mãe, eu sou um ser infinito

Me ajuda a ver minha luz

A crescer com dignidade

Conectado contigo

Eu peço e Agradeço

Por todo ensinamento, por todo amor.



Após a leitura da oração, fale sobre seus princípios e como podem ser testados em diversos momentos de nossa vida. Para defendê-los, precisamos entender quem contribui e quem se contrapõe aos nossos princípios. Depois desta sensibilização, convide o grupo para realizar um teatro de improviso.

2º momento (1h):

Preparação do teatro e definição dos personagens. Para o teatro precisaremos de 3 grupos:

- Defensores de sementes crioulas
- Defensores das sementes híbridas/transgênicas
- Um grupo formado dos seguintes personagens: um/a ruralista, um/a assessor/a, um/a vegano/a, um/a artista blogueiro/a.

O QUE SÃO AS SEMENTES CRIOULAS?

Sementes crioulas são aquelas que vêm sendo multiplicadas por agricultores ou por suas associações através do tempo plantio e replantio. A origem de tais sementes pode estar relacionada a outros países, outras regiões do Brasil, ou ser resultado do intercâmbio em uma mesma região. O cultivo das sementes crioulas provo-

ca adaptações específicas ao ambiente no qual ela é plantada. Como resultado ocorre a seleção natural e/ou a seleção artificial realizada pelo/a agricultor/a ou pela combinação dos mesmos (BEVILÁQUA, et. al., 2014, p.105). Essas sementes normalmente estão há gerações com uma mesma família, que ao longo do tempo seleciona a sua produção para uma característica desejada. Existem diversas feiras e espaços de trocas de sementes crioulas. Anualmente é realizada a Feira de Sementes e Mudas da Chapada dos Veadeiros, que reúne agricultores/as e produtores/as de sementes.

E O QUE SÃO AS SEMENTES HÍBRIDAS E TRANSGÊNICAS?

SEMENTES HÍBRIDAS são resultado do cruzamento de dois ou mais materiais de propagação com estreita base genética (semelhantes), processo que pode se dar de forma natural ou por ação humana, normalmente realizado por indústrias de sementes. O seu objetivo é apresentar um vigor máximo para uma característica específica que depende do tipo de produção envolvida. Estas variedades são pouco diversas e rústicas e, por isso, são altamente suscetíveis às pragas e doenças. Após apresentarem sua produção máxima no primeiro plantio, há uma esterilização parcial (boa parte não gera mais sementes), ocorrendo queda na produtividade no

caso de replantio das sementes. Essas sementes são muito comuns no campo brasileiro, especialmente em casas agropecuárias e programas de doação de sementes governamentais. O problema é que, não se explica totalmente o funcionamento, o que normalmente causa dependência dos/as agricultores/as em comprar continuamente essas sementes.

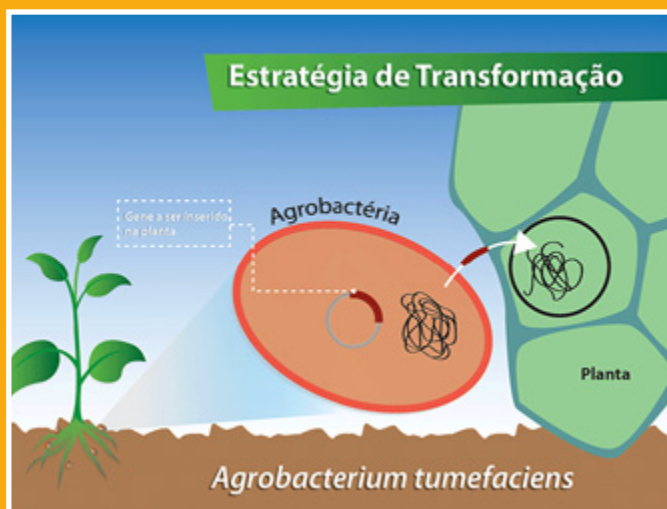
SEMENTES TRANSGÊNICAS

Sementes transgênicas são aquelas que receberam genes de diferentes organismos (animais, vírus e bactérias), com o objetivo de adquirir alguma característica “desejada” destes seres. Como exemplos típicos temos a soja **Roundup Ready (RR)** que, por meio da introdução do gene de uma bactéria do solo chamada de **Agrobacterium** (patenteado por uma empresa de nome CP4-EPSPS) adquiriu resistência ao **glifosato** (herbicida utilizado nas lavouras para controle de plantas espontâneas) e também ao **milho BT** (milho transgênico chamado CP4-EPSPS) que, por meio da inserção de genes da bactéria **Bacillus Thuringiensis**, passou a apresentar propriedades tóxicas em insetos (PINHEIRO, 2013).

Apesar do amplo consumo de produtos advindos de produções com transgênicos, ainda não se sabe totalmente os impactos do consumo

para a saúde humana. Pesquisas científicas recentes têm mostrado relações entre o consumo de transgênicos e o aumento de doenças para os seres humanos, e a perda de biodiversidade nos biomas onde as lavouras destas produções são inseridas.

A seguir, no infográfico, apresentamos um modelo do esquema onde é realizada a transgenia nas espécies agrícolas.



Fonte: Embrapa, 2015

Para definir os grupos, siga a dinâmica:

Faça um debate inicial sobre estes dois tipos de variedades de sementes, mudas e raças: as crioulas e as híbridas / transgênicas. Cada um apresentará suas convicções

pessoais em relação a este assunto e que, nessa dinâmica, podem ser testadas. Nesse caso, o teatro e a representação são importantes para trazer os argumentos, mesmo que seja o senso comum.

A seguir, estabeleça questionamentos aos/as participantes sobre o lado em que estão. Nesse momento, sorteiam-se sementes a uma pessoa do grupo (um tipo de semente representando as sementes híbridas e transgênicas, e o outro tipo de semente representando as sementes crioulas). Esta pessoa, se pegar uma semente híbrida, irá liderar este grupo defensor e outra pessoa que pegar uma semente crioula, o outro grupo, e vice-versa. Cada líder improvisa um “grito de guerra” para representar o seu grupo. Os participantes que não entrarem em nenhum grupo ou que preferirem fazer os personagens, também escolhem quem será quem. Cada grupo de sementes elege /uma ou dois/duas representantes para assumirem as falas de seus grupos de interesse.

Cada grupo se reúne e tem 20 minutos para ler um material informativo sobre os principais argumentos levantados, e construir seus

próprios. Também é possível fazer uma pesquisa para compreender os argumentos.

Temas que podem fazer parte do debate:

- Alimentação, capacidade nutritiva e soberania alimentar;
- Emprego e renda;
- Melhoramento genético;
- Qualidade das sementes;
- Formas de organização do grupo;
- Educação Socioambiental (formal e informal).

3º momento (15'):

construção do figurino e cenário de improviso

Ao findar o tempo de preparação dos grupos, solicite que os/as participantes peguem os objetos expostos para complementar o cenário, formar o figurino e se organizarem para o início da dinâmica.

4º momento (30'):

construção do figurino e cenário de improviso

Iniciaremos essa sessão com a execução do Hino Nacional Brasileiro”. Sugerimos a exibição de um pequeno trecho.

“Boa tarde, neste momento daremos início a essa sessão de consulta aos membros dos grupos produtivos e de interesse das sementes crioulas e das sementes híbridas e transgênicas. Gostaríamos de saber mais sobre esses **grupos** para que possamos direcionar os criadores de políticas públicas adequadas para um destes. Como vocês sabem, os recursos estão escassos. Vivemos uma crise e não podemos atender os dois **grupos**. Então um de vocês será priorizado. Não é costume este tipo de audiência pública, mas como temos diversos atores sociais no campo, cidade, indústrias e outros, precisamos entender melhor os processos produtivos e outros aspectos de cada um dos seus **grupos**.” (E aponta para os respectivos personagens).

“Agora, nossa sessão de debates se iniciará e queremos ouvir cada um. Por meio de um sorteio, será escolhido um tema e vocês devem nos relatar o que acham relevante.”



5º Momento (15’):

Encerramento e debate

A conclusão final esperada é demonstrar que o grupo das variedades híbridas e trans-

gênicas são privilegiados pelas políticas públicas. Mas, como símbolo de sua resiliência, as variedades crioulas continuam resistindo e sendo salvaguardadas pelos agricultores guardiões de sementes. Dar espaço para que os/as participantes possam compartilhar o que acharam desta experiência e realizar as considerações finais.

Conteúdos que podem ser trabalhados com essa atividade:

- Arte: Metodologia do teatro de improviso – destaque para a criatividade e desenvoltura dos/as participantes.
- Biologia: Definições de sementes, variedades, cultivares, raças, etc.
- Biotecnologia: Tipos de melhoramento genético. Adaptação.
- Filosofia: Bioética, biopirataria.
- Sociologia: Quais os movimentos sociais e grupos de interesses envolvidos nas disputas com relação aos recursos da socioagrobiodiversidade.
- Linguagens: Análise dos discursos. Quais são os termos e argumentos recorrentes? Qual a linha de pensamento predominante? Quais as

suas variações/nuances?

- Direito e política: Direito dos/as agricultores/as, ação coletiva e grupos de interesse, poder e suas formas de representação.
- Psicologia: Construção de discurso.
- Educação midiática: O que é desinformação, discurso de ódio, manipulação de massa e midiática, etc.
- Geografia: Conceito de território, noções de espacialidade, escala e localização geográfica, aspectos climáticos locais, relevo, hidrografia, unidades de conservação, cartografia social, entre outros.
- História: História oral, mudanças na região, entre outros.



ATIVIDADE 05: CONHEÇA SEU RESÍDUO

Público-alvo: Educadores/as e estudantes/as da rede pública

Tempo de atividade: 3h

Recursos: Sacos plásticos, resíduos, lonas

Objetivo: Conscientizar a comunidade educadora dos problemas relacionados ao descarte incorreto de resíduos, bem como das vantagens do consumo consciente.

Pré-produção: Para a execução da atividade, solicite para os/as participantes levarem resíduos recicláveis de casa para essa vivência, tais como sacos plásticos, caixas de papelão, lona, etc.. Escreva em uma cartolina a música proposta no 1º Momento, para que possam cantar, e disponha de sacos plásticos ou recipientes para separação de resíduos na dinâmica. Organize previamente o espaço para exibição do filme **Lixo Extraordinário**, de Vik Muniz (2009).

1º Momento (20'): Ritmo para a sensibilização - Cirandinha dos resíduos

Atenção: solicitar resíduos recicláveis para essa vivência, tais como sacos plásticos, caixas de papelão, lona, etc..

Começar fazendo uma roda de ciranda com a música “Ciranda Cirandinha” e dividir o coletivo em dois grupos - um maior para a roda de ciranda e um menor dentro dela. No cen-

tro, o/a educador/a que conduz a atividade espalha os resíduos em cima de uma lona, na tentativa de parar a roda de ciranda, até o momento que ele/ela pare a roda e a música.

Neste momento, um/a educador/a que conduz a atividade começa a fazer questionamentos ao coletivo, em um tom catastrófico:

- Estamos perdidos! Produzimos toneladas de resíduos que são despejados na natureza todos os dias!
- É isso que acontece hoje! É irresponsável! Criminoso! É um processo irreversível!
- Esse é o futuro que estamos proporcionando às futuras gerações!
- Vocês estão acomodados! A natureza está sofrendo e nós já estamos sentindo os efeitos do nosso desrespeito!
- Não há mais nada para ser feito! (O/a educador senta e fica estático).
- Em seguida, outro/a educador/a ou ator/a assume a roda e volta a cantar a ciranda mas com a letra diferente, convidando os participantes a ajudá-lo na separação adequada dos resíduos (neste momento é importante ter sacos ou caixas para acomodar os resíduos de forma separada).

“Ciranda, cirandinha vamos todos separar. Os resíduos e rejeitos, onde iremos destinar?”

Por isso educadoras/es (ou estudantes) entrem nessa roda separando os resíduos do lixo do meu caminho.”

- Dê um tempo para que o coletivo participantes da ciranda possa separar os resíduos adequadamente, em recipientes sinalizados.

2º momento (1h40’):

Convide as pessoas a se sentarem e exiba o filme “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz, 2009



Capa: “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz, 2009.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0

3º Momento (25’):

Debater sobre o filme com uma breve introdução da **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Durante o debate, o/a **educador** deverá acrescentar informações sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos, bem como instigar o grupo com perguntas associadas à realidade local.



LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010,
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm



4º momento (20’): Roda de cultura

Pergunte sobre como o grupo se sentiu no meio do “lixo”, o que conheciam sobre reciclagem e o que mais chamou atenção. Esta atividade auxilia na avaliação processual sobre os conhecimentos do coletivo.



INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES DA ATIVIDADE

DIRETRIZES GERAIS DO PLANO NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS

- Por meio da Lei 12.305/10 foi instituída a Política Nacional de Resíduos Sólidos que regulamenta e reconhece os/as **catadores** como trabalhadores/as e, portanto, eles podem ter seus direitos trabalhistas assegurados. A Lei reconhece também as cooperativas e associações de reciclagem como agentes formais na gestão dos resíduos urbanos.
- A partir disso, as cooperativas e associações de reciclagem podem ser contratadas pelas prefeituras para a prestação de serviços de reciclagem sem licitações.
- A Lei indica a necessidade da criação de Planos de Resíduos Sólidos em diversas esferas (nacional, estaduais, intermunicipais, etc.) e com a participação popular por meio de audiências públicas.

Compartilhamento: todos são **responsáveis** pela destinação correta dos resíduos que produzimos (poder público, empresas e população em geral).

DEFINIÇÕES:

- **Resíduos sólidos:** são todos os materiais, objetos ou bens descartados resultante da atividade humana.
- **Rejeitos:** resíduos em que foram esgotadas todas as possibilidades de recuperação por processos tecnológicos e economicamente viáveis, e não apresentam outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada.
- **Destinação:** todos os processos para o aproveitamento de materiais recicláveis (reutilização, reciclagem, compostagem, recuperação, disposição).

O TERMO LIXO

Tem origem popular e é pejorativo, que designa algo que não tem serventia, que é sujo, etc. Não se usa esse termo na Educação Socioambiental para se referir a resíduos sólidos ou orgânicos.



VISITA À ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM



Visitas dos educadores do IPEARTES/SEDUC à Associação de Reciclagem Reciclealto, no município de Alto Paraíso de Goiás.

Nada melhor que a práxis para uma boa experiência significativa de aprendizagem. Muitas pessoas se equivocam ao pensar que só porque a embalagem possui algum símbolo relativo à reciclagem, aquele material terá destino correto ao ser separado. Isso varia de acordo com o tipo de resíduo e a logística reversa de cada município. Por exemplo, apesar do isopor ser reciclável, aqui no Centro-Oeste a logística reversa do isopor é quase inviável. Sendo assim, os isopores que vão para as cooperativas de reciclagem tendem a ir para os lixões ou aterro sanitário, mesmo após a sua destinação “correta”.

Você só terá 100% de certeza se essa logística reversa acontece se conversar com as pessoas envolvidas nesta cadeia. Portanto, é de extrema importância que o/a educador/a conheça a realidade do seu município para orientar seus/suas estudantes sobre os tipos de embalagens que são realmente recicláveis.

Lidar diretamente com nossos resíduos nos traz a consciência de que a reciclagem começa durante a separação em casa, do que precisa ser higienizado para descartar, de como lidar com materiais cortantes, como o vidros, e de como podemos facilitar o trabalho dos coletores. Caso exista uma associação ou grupos de trabalhadores/as coletores/as de resíduos recicláveis em seu município e proximidades, faça uma visita e entenda como esse processo acontece, as vantagens ambientais e econômicas para o ambiente e a população em geral.



Visitas dos educadores do IPEARTES/SEDUC à Associação de Reciclagem Reciclealto, no município de Alto Paraíso de Goiás.

ATIVIDADE 06: VISITA AO LIXÃO

Público-alvo: Educadores/as e estudantes da rede pública

Tempo de atividade: 2h

Objetivo: Conscientizar a comunidade educadora dos problemas socioambientais relacionados ao descarte incorreto de resíduos

Pré-produção: Para a visita a um lugar de despejo de resíduos, primeiramente organize uma autorização com o órgão competente em seu município, garantindo que a visita seja minimamente segura. Em seguida, providencie o transporte dos estudantes/educadores e autorização junto aos responsáveis, caso o público envolva menores de idade..

1º Momento (50'): Chegada ao local.

Reunir o grupo e apresentar-se aos responsáveis/as do local para que eles/elas possam apresentar o lixão, suas áreas e o manejo realizado. Se possível, convocar um/uma representante do poder público local que seja responsável pela área para falar do tema e do espaço com o coletivo.

2º Momento(40'): Andando pelo Lixão.

ATENÇÃO: Essa etapa só deve ser realizada caso seja permitida pelos/as gestores/as do espaço, não ofereça riscos aos participantes da atividade e seja feita com acompanhamento permanente de supervisores, para se evitar o contato com qualquer resíduo presente no percurso.

Durante o tour, faça perguntas geradoras que promovam reflexões:

- Quais impactos socioambientais vocês conseguem visualizar de imediato devido a presença do lixão?
- Essa realidade pode ser alterada? Se sim, de quais formas?
- Como se dá o processo de decomposição do lixo?
- Este modelo pode trazer danos para nós?
- Será que o chorume atinge a água que nós bebemos?
- Encerrar a visita. Agradecer aos/as responsáveis e retornar à escola.

3º Momento(30'): Roda de cultura.

Reunir novamente os educadores / estudantes. Propor atividades de escrita/resenha, po-

ema, música ou mesmo outras manifestações artísticas a fim de registrar como a experiência impactou o coletivo. Compartilhar esses registros e abrir roda de conversa:

- O que vocês observam neste lugar em relação aos aspectos socioambientais?
- Quais conhecimentos podemos tirar deste lugar?
- Qual seria a solução para o problema do lixão do nosso município?



Visita de educadores do IPEARTES ao lixão em Alto Paraíso de Goiás

ATIVIDADE 07:


ÁRVORE DOS SONHOS SOCIOAMBIENTAL

Público-alvo: Educadores/as e estudantes da rede pública

Tempo de atividade: 2h

Objetivo: Levantar as expectativas e desafios presentes em determinada realidade, projeto ou plano comunitário

Recursos: Elementos naturais que simulem uma árvore com raízes, tronco, galhos, folhas e flores. A intenção é que ao final da atividade seja colocado tiras de papel com as respostas em cada uma destas estruturas. Você ainda precisará de folhas de papel ou natural, barbantes, cola, tesoura e papel colorido.

 **1º Momento: Ritmo (5'):** Para este ritmo o/a educador(a) deverá criar gestos rítmicos que simbolizam as etapas da música abaixo:

Semeia semente (letra)

Semeia a semente debaixo da terra

O sol ela sente a chuva ela espera

Para terra ficar macia tenho as mãos cheias de amor


Devagar já brota o broto e floresce então a flor

A planta plantada vai ramificando

De folhas folhagens seus frutos mostrando

E as árvores logo crescem sob o céu que tanto brilha


São irmãs as mais diversas dentro da mesma família”

 **2º Momento (5'):** dividir a turma em três grupos. Cada grupo ficará responsável por pensar em uma parte da construção física da árvore dos sonhos do coletivo (raízes, tronco e copa) com o material fornecido.

A ideia é montar a árvore suspensa para trazer a visualização das suas raízes.



Representação física da Árvore da vida, realizada no IPEARTES/SEDUC

 **3º Momento (40')**: Distribuição para cada grupo a parte da explicação abaixo sobre a estrutura da árvore correspondente (copa, tronco, raiz). Leia em conjunto no grupo. Discutir sobre a execução da atividade. Após a discussão em grupo, todas as reflexões que surgirem deverão ser sintetizadas em palavras-chave ou pequenas frases.

PARTES DA ÁRVORE DOS SONHOS

COPA: Composta pelas folhas, flores e frutos, a copa da árvore é o que dá visibilidade à árvore. Todas as outras partes da árvore existem para que a copa possa existir. Nesta metodologia, a copa da árvore – com suas folhas, flores e frutos – representa o nosso sonho, o lugar onde queremos chegar.

TRONCO: É a parte que sustenta a árvore. Muitas vezes o tronco possui alguns arranhões, buracos. Há alguns parasitas que se agarram no tronco e o impedem de se desenvolver. O tronco da árvore representa o projeto em si, o plano de ação que queremos desenvolver para atingir o nosso sonho. Os buracos e parasitas no tronco representam os desafios que precisaremos enfrentar para alcançar nossos objetivos.

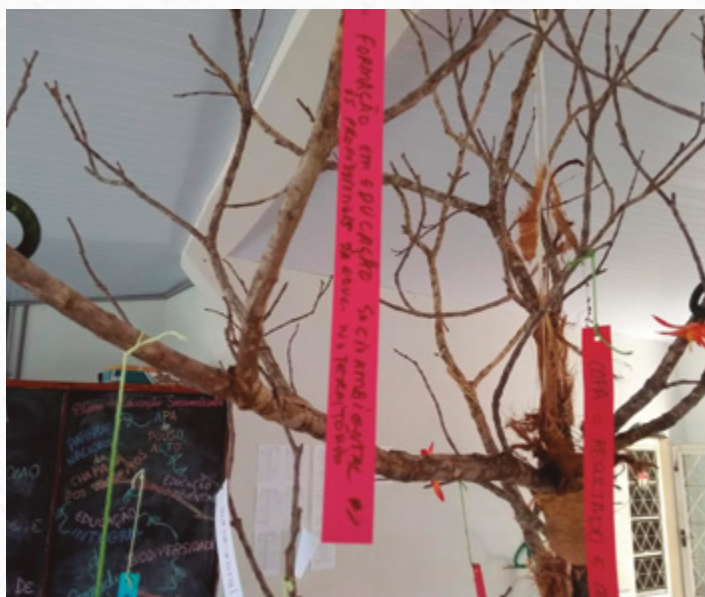
RAIZ: É a parte da árvore que busca na terra os nutrientes e água necessários para que a árvore cresça e se desenvolva plenamente. Aqui, a raiz representa os insumos – aquilo que já possuímos para construir nosso sonho.

3º Momento (30'): Roda de Cultura

Cada grupo pode pendurar suas palavras/ frases na árvore no seu respectivo local (raízes, tronco e copa). Apresentação de cada palavra / frase para o grupo e discussão em que todos podem opinar e sugerir adequações. O objetivo é chegar a um consenso para a concepção crítica da realidade ou problematização sobre as possibilidades e os desafios de cada etapa.

4º Momento (30'): Registro da produção coletiva

Reunir as falas e registrá-las em um relatório descritivo para que nenhuma informação venha a se perder após o processo. Para isso é necessário estipular uma pessoa como guardiã da escrita.



Atividade "Árvore da vida" realizada com os educadores do IPEARTES/SEDUC

ATIVIDADE 08: PLAYLIST INTERATIVA SOBRE O CERRADO

Público-alvo: Educadores/as e estudantes da rede pública

Tempo de atividade: 1h de *playlist*

Objetivo: Sensibilizar, através da música, o conhecimento, o pertencimento e a admiração pelo Cerrado a partir de músicas que versam sobre ele.

Materiais: Grupo de comunicação (WhatsApp / Telegram) ou rede social da escola. Conta no Youtube / Deezer / Spotify para compartilhar a playlist.

1º Momento (10'):

Produção do Convite.

Definir o período da campanha.

Elaborar a arte gráfica. Fazer um chamado virtual através de mensagem ou *post* em redes sociais sobre a proposta. O objetivo é fazer com que as pessoas envolvidas sugiram músicas que os conectem com o Cerrado, seja no contexto ambiental, social, cultural, econômico e/ou afetivo. A comunidade educadora em geral trará sugestões de músicas. Separe e pesquise cada uma na plataforma sugerida.

2º momento (2 h):

Montar a *playlist*

O/A educador(a) deverá monitorar e interagir com o público durante o período da campanha, alinhando e montando a *playlist* com as músicas sugeridas em alguma plataforma, como o Youtube, Spotify, Deezer, entre outras.

Sugestão:

Selecionar cerca de 15 a 20 músicas que dão cerca de 1 hora de *playlist* no total.

3º momento (1 h):

Divulgar a *playlist*

Produzir a arte gráfica. Divulgar nos grupos e nas redes sociais a *playlist* elaborada coletivamente. Nessa nova divulgação, realizar um chamamento para a apreciação da coleção de músicas levantadas e, se possível, encontrar uma forma de retorno de uma avaliação da *playlist* como caixas no Instagram/Facebook, comentários, etc..



Esta *playlist* poderá ser utilizada em outras atividades educativas como, por exemplo, aulas na Educação de Jovens e Adultos, formação de professores/as e aulas virtuais.



Link para acessar a Playlist do Cerrado:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLA5ynh-2j5I7aD0cUUr8C9H2lZnyVXGRFp>

SEMANA DO CERRADO
08 a 11 de Setembro de 2020

PLAYLIST DO CERRADO

Acesse pelo link
[bit.ly/playlistdocerrado](https://www.youtube.com/playlist?list=PLA5ynh-2j5I7aD0cUUr8C9H2lZnyVXGRFp)

IPEARTES Instituto de Pesquisa, Ensino e Extensão em Arte, Educação e Tecnologias Sustentáveis
Cerrado Vivo Centro de Estudos, Pesquisa e Formação em Educação do Cerrado
GOIÁS

www.ipeartes.org

Layout produzido para divulgação da *Playlist*

ATIVIDADE 09: SONS E VOZES DO CERRADO

Público-alvo: Educadores/as e estudantes da rede pública

Tempo de atividade: 1h10'

Objetivo: Compreender através de todos os sentidos e também por meio de músicas temáticas e outras expressões artísticas, a relação entre ser humano e o bioma Cerrado.

1º momento (20'): Apreciação

Indique para que cada um/uma escolha um local tranquilo, de preferência próximo à natureza (quintal de casa, área de Cerrado, jardim da escola).

Convide as pessoas a permanecerem em silêncio e a sentirem o espaço, os objetos e principalmente os elementos naturais por meio dos diversos sentidos do nosso corpo. Ver com mais cuidado os detalhes, perceber os cheiros, se tem vento neste momento, a temperatura do local, na pele, como o raio do sol bate (queima, traz calor, agradável ou desagradável). Em especial, atente-se aos sons produzidos pelos elementos onde está. Depois desse passeio guiado pelos sentidos, solicite que as pessoas fechem os olhos e contemplem os sons em completo silêncio. Em seguida, solicite para que

provoquem sons desses elementos naturais ou objetos interagindo com eles de forma respeitosa, sem causar-lhes dano algum. Oriente para que observem o local que estão, o chão que estão pisando e para imaginarem qual o ciclo envolvido para esse espaço estar da forma como você está visualizando.

2º momento (20'): Produção artística

- Utilize a *playlist* sobre o Cerrado (atividade anterior) para colocar uma música de fundo.
- Pergunte para a turma qual elemento que ela observou que mais chamou a atenção de cada um. Mas peça para que não respondam em voz alta, que só pensem sobre qual foi.
- Distribua papel, lápis, giz de cera, cola e elementos do ambiente (folhas naturais, pedras, terra, etc.) e peça para expressarem em uma pintura ou colagem as sensações e o elemento que chamou a atenção.



3º Momento (20') - Círculo de cultura

Depois que cada participante acabar, monte uma galeria no chão, na parede ou em mesas, para que os demais possam ver o seu trabalho e do colega em silêncio.



INFORMAÇÕES

Esta atividade pode ser bem desafiante para as pessoas, pois o comum é compartilhar as nossas impressões assim que vivemos algo.

A provocação para ficar em silêncio e observar é justamente para que percebamos o quanto julgamos as coisas, sem antes olhar atentamente, sentir o que vivemos.

Este é um convite para se alimentar a partir dos nossos sentidos e perceber mais e melhor o espaço e os elementos ao redor, ao dedicarmos a estes uma atenção plena.



Nossa prosa não se encerra aqui, vamos semear :)

Por meio das vivências e experiências adquiridas pelo coletivo educador do IPEARTES/SEDUC, além da vontade de compartilhá-las, este cardápio de atividades pôde ser construído de uma forma generosa e afetiva. Esperamos que você, educador/a construa suas próprias vivências, considerando a Educação Socioambiental de forma transversal e participativa em suas ações. Desejamos que as sugestões de atividades aqui pontuadas possam criar formas próprias e diversas de aplicação e resultados, adaptadas ao contexto em que forem inseridas, assim como as sementes crioulas.

Através deste trabalho, reforçamos o convite para um outro olhar sobre a nossa existência e sua interação com o ambiente do qual faz parte, valorizando, por menor que seja, cada elemento biótico ou abiótico que, ao longo da jornada da vida e da matéria, encontrou uma forma única para estar coexistindo conosco no ambiente. A natureza é uma grande mestra, os povos cerradeiros tradicionais e originários são

guardiões desse saber centenário que vem das relações de respeito ao meio ambiente.

Não se limite aos espaços e a hierarquia destinada ao ensino convencional. Todo ser e todo território pode ensinar e aprender, no processo de **Ensino Aprendizagem** significativa. O mais importante é deixar-se afetar, deixar nossos corpos se libertarem do convencional, da pró-forma. Todo elemento do meio ambiente nos ensina sobre as relações que a vida estabelece para continuar a existir. Cabe a nós respeitá-la, afetar-se e agir contra os processos que já são insustentáveis. Semear é um ato generoso e de confiança entre a semente e entre a semente e sua comunidade guardiã. Ela perpetua, de maneira recíproca, as espécies. Que você possa semear e cultivar os conhecimentos socioambientais para gerar muitos frutos nos espaços educativos de atuação que participa. Por fim, lembre-se!

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo” (Paulo Freire, educador)

Agradecimentos

Agradecemos a todos/as aqueles/as educadores/as e estudantes que passaram pelo Projeto **IPEARTES/SEDUC**, em especial os que fizeram parte das atividades que culminaram neste cardápio de atividades. Com importância singular, mantemos gratidão pelo **Governador do Estado de Goiás, Ronaldo Ramos Caiado e pela Secretária de Estado da Educação, Aparecida de Fátima Gavioli**.

Agradecemos às educadoras **Christiane Ayumi Kuwae, Luana Villas Boas Fernandes, Virgínia Pereira da Silva, Leticia Nascimento Vimeney** e o educador **Felipe de Sá Pereira** pela partilha generosa de saberes co-construção de conhecimentos socioambientais e apoio na revisão de todo material; à **Kayalu Martins Mendonça** e ao **Eric Miag Makibara do Coletivo IPEMidiaLab** pelo apoio na revisão do material e diagramação e à **Bia de Carvalho Lopes e Kaco Olímpio** que atuam na cobertura fotográfica dos eventos e formações.

Também agradecemos aos parceiros locais do projeto, como o **Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, CONPARQUE**, aos/as integran-

tes da Câmara Temática de Gestão Socioambiental do Comparque, em especial Mauro Soares e à servidora **Iaci Szajnweld de Menezes, SociParques e a Associação RecicleAlto.**

Agradecemos também aos parceiros institucionais como a Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Ainda precisamos agradecer às escolas municipais e estaduais dos municípios da APA de Pouso Alto.

Ao Conselho Consultivo da Área de Proteção Ambiental de Pouso Alto (CONAPA), Secretaria de Educação de Goiás, à Superintendência de Desporto, Arte e Educação, ao Ciranda da Arte e ao governo do Estado de Goiás. Em especial, agradecemos à gerente de Arte Educação do Estado, **Luz Marina de Alcantara**, e à diretora do Ciranda da Arte, **Eliza Rebeca Vasquez**, que sempre lutaram por este projeto.

E para finalizar, também agradecemos a todos os **mestres e mestras dos saberes tradicionais**, aos **educadores/as socioambientais** chapeiros/as e ao Cerrado, por sua capacidade de sustentar e gerar a vida, além da expressão de sua diversidade neste território.

Educadores/as



Laryssa Galantini
Autora



Wellington Martins
Autor



Chistiane Ayumi Kuwae
Coautora



Leticia Vimeney
Coautora



Luanna Villas Boas

Coautora



Kayalu Mendonça

Colaboradora



Felipe de Sá Pereira

Colaborador



Virginia P. da Silva

Colaboradora

Referências Bibliográficas

AFIUNE, P.; OLIVEIRA, E. O Paraíso em Goiás: Pioneirismo Místico na Chapada Dos Veadeiros. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 4 (2), p.171-82, 2015.

ALMEIDA, M. G. DE. Comunidades tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais. *Revista Franco-Brasileira de Geografia*, 29: p.1-20, 2016.

ANTAS, P. T. Z.; BRAZ, V.; DISCONZI, G.; PEREIRA, M. A. Pato Mergulhão (*Mergus octosetaceus*) no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e seu entorno. IV Encontro de Pesquisadores da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás, p. 16-18, 2016.

BARBOSA, F. M. Cerradania: a alumeia e óia pros encantamentos dos cerratenses. Brasília, p.180, 2017.

BRASIL. Lei nº 9795/1999, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm >. Acesso em: 02 de janeiro de 2021.

BECK, A. Tirinhas do Armandinho, 2020.

BEVILÁQUA, G. A. P.; et. al. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. Cadernos de Ciência e tecnologia, Brasília, v.31, n.1, p.99-118, jan/abr 2014.

CARVALHO, S. M. G.; **PIO, P. M.** A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2017, v. 98, n. 249 [Acessado 21 Setembro 2021] , pp. 428-445. Disponível em: <<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i249.2729>>.

CEPF Cerrado. Evitando a extinção do pato-mergulhão no Corredor Veadeiros-Pouso Alto-Kalungas, Chapada dos Veadeiros, Brasil. Disponível em: <http://cepfcerrado.iieb.org.br/projetos/evitando-extincao-do-pato-mergulhao-no-corredor-veadeiros-pouso-alto-kalungas-chapada-dos-veadeiros-brasil/>

CORREIA, J. R.; **LOBO-BURLE, M.;** **CALDERANO, S. B.;** **SPERA, S. T.;** **GOMES, I. A.;** **SANTOS, R. D. dos;** **CAMPOS, J. E. G.;** **SILVA JUNIOR, M. C. da;** **NASCIMENTO, R. de O.;** **MINELA, G.;** **REATTO, A.;** **DUARTE, M. N.** Caracterização de Ambientes na Chapada dos Veadeiros/ Vale do Rio Paranã: Contribuição para a Classificação Brasileira de Solos. Planaltina: Embrapa Cerrados, p. 1-79, 2001.

COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. Acta Botanica Brasilica [Online] 20(1): p. 13-23, 2006.

EMBRAPA. Engenharia genética: decifrando o código da vida. 23/12/2015. Disponível em: <https://www.embrapa.br/xxi-ciencia-para-a-vida/busca-de-noticias/-/noticia/8533306/engenharia-genetica-decifrando-o-codigo-da-vida>

EMBRAPA. Bioma Cerrado, 2019. Disponível em: <http://www.embrapa.br/contando-ciencia/bioma-cerrado>.

ECOSOCIAL. Quem somos? 2021. Disponível em: <https://ecosocial.com.br/quem-somos/>

FERRARO JUNIOR, L. A.; SORRENTINO, M. Coletivos Educadores. IN: FERRARO JUNIOR, L. A. (org.) Encontros e caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, p. 1-358, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOIÁS. Decreto Estadual nº 5.419 de 07 de maio de 2001. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental - APA de Pouso Alto e dá outras providências. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/go/decreto-n-5419-2001-goias-dispoe-sobre-a-criacao-da-area-de-protecao-ambiental-apa-de-pouso-alto-e-da-outras-providencias>

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). IBGE Cidades. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>

KRENAK, A. A vida não é útil. Companhia das Letras, 2020.

LEROY, J. P.; PACHECO, T. Democracia. In: **FERRARO Jr., Luiz Antônio (Org.)**. Encontros e Caminhos: Formação de Educadora(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, p. 131-137, 2005.

PINHEIRO, A.C. Meio ambiente e segurança alimentar: o processo decisório no Brasil e na França na liberação de organismos geneticamente modificados. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Direito. Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul, 2013.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. As Principais Fitofisionomias do Bioma Cerrado. IN: SANO, S. M. et. al (org.). Cerrado: ecologia e flora. 2 v. Embrapa Cerrados. Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2008, 1.279 p.

ROCHA, N. J. R.; ROCHA, R. F.; NETO, L. S. Casa das palavras: Uma escola popular — Cerrados: Insubmissos e comunicação compartilhada no sul global In:: XVII Congresso Internacional do Fomercos 7º ano. Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em: [HTTPS://WWW.CONGRESSO2019.FOMERCO.COM.BR/RESOURCES/ANAIS/9/FOMERCO2019/1568861915_ARQ_UIVO_941A2D60E0D75AE-DCCB8999825F462A3.PDF](https://www.congresso2019.fomercos.com.br/resources/anaais/9/fomercos2019/1568861915_ARQ_UIVO_941A2D60E0D75AE-DCCB8999825F462A3.PDF). Acesso em:: 13 JUN. 2020.

RODRIGUES, R. N. L., et. al. Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 4 (1): 114-126, 2017.

TAVARES, E. A origem do suleir. Matéria de 23/09/2019. IELA/ UFSC. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/origem-do-suleir>

TV IPEARTES. Canal do IPEARTES/SEDUC (Youtube). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCmYESF-Xa5oFOHhWtak_22g/about

((O))ECO. Dicionário Ambiental. O que é uma espécie endêmica? Matéria de 9/1/2015a. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28867-o-que-e-uma-especie-endemica/>

((O))ECO. Dicionário Ambiental. O que é uma área de proteção ambiental? Matéria de 29/6/2015b. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/29203-o-que-e-uma-area-de-protecao-ambiental/>

A Educação Socioambiental enquanto temática transversal e transdisciplinar figura como um instrumento importante para a construção e valorização dos conhecimentos Socioculturais e Ambientais de um território e seus espaços educativos. Algumas questões surgem diante da realidade da educação atual: como abordar esse tema nos espaços educativos?

Como desenvolver um outro olhar para essa temática, evitando o senso comum esperado pela Educação Ambiental, trabalhos com hortas, reciclagem, dentre outros? E como entender as questões Socioambientais específicas em um território, baseadas em uma perspectiva crítica e emancipatória?

Tendo como inspiração as experiências vivenciadas por meio de ações do coletivo educador do IPEARTES/SEDUC em unidades de conservação, este cardápio foi elaborado para ofertar apoio pedagógico a educadores e educadoras através de atividades sugeridas e discussões para atuação nos mais diversos contextos, considerando toda a potencialidade desta temática para a promoção de uma educação integral.